

**Instituto Politécnico de Tomar**

**Escola Superior de Gestão**

**Rodrigo José das Neves Morais**

**Identificação dos Factores Potenciadores  
dos Empreendedores Nascentes:  
Estudo de caso no Instituto Politécnico de Tomar**

Dissertação de Mestrado

Orientado por:

Doutor Jorge Manuel Marques Simões  
Instituto Politécnico de Tomar

Júri (caso seja conhecido) + Instituição

Dissertação  
apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar  
para cumprimento dos requisitos necessários  
à obtenção do grau de Mestre  
em Gestão de Recursos de Saúde







## DECLARAÇÃO

**Nome:** Rodrigo José das Neves Morais

**Endereço Electrónico:** morais.pera@gmail.com

**Título da Dissertação de Mestrado:**

Identificação dos Factores Potenciadores dos Empreendedores Nascentes:  
Estudo de caso no Instituto Politécnico de Tomar

**Orientador:**

Doutor Jorge Simões

**Ano de Conclusão:** 2013

**Designação do Mestrado:**

Gestão de Recursos de Saúde

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A  
REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Instituto Politécnico de Tomar, 2013/09/02

Assinatura: \_\_\_\_\_



## RESUMO

---

O empreendedorismo é um factor de criação de emprego, de aumento de competitividade e de crescimento económico dos países. Cientes deste facto, as instituições de ensino superior têm vindo a delinear e a oferecer programas de ensino do empreendedorismo, através dos quais se pretende desenvolver nos alunos competências, habilidades e conhecimentos necessários à criação de novas empresas, bem como, promover o seu espírito empreendedor.

O objectivo principal desta investigação consiste em identificar os factores potenciadores de actividades empreendedoras, assim como identificar as características gerais dos empreendedores. Para a recolha de dados foi efectuado um questionário junto de potenciais empreendedores nascentes, pertencentes à Escola Superior de Gestão de Tomar, tendo sido recolhidas 149 respostas. Pode concluir-se que os empreendedores são na maioria do género feminino, apresentando entre os 20 e os 25 anos, independentemente do curso superior, que frequentam, maioritariamente, têm o grau académico de primários/secundários, não possuem experiências anteriores quer na criação de empresas, quer no sector de actividade onde desenvolvem a iniciativa empresarial e nem anteriormente desempenharam funções de gestão. Não possuem familiares com negócios/empresa própria. Consideram que a formação deveria ser inserida gratuitamente na formação escolar. Assumem os cursos de pós-graduação e cursos de especialização como as melhores modalidades de formação e deve possuir uma duração superior a 75 horas, elegem a zona da escola como o local favorito para ministrar a formação. Os inquiridos assumem que as formas de actividades empreendedoras utilizadas pelo Instituto Politécnico de Tomar, são as conferências e seminários, cursos de empreendedorismo, publicação de artigos de divulgação e parcerias, contudo, os resultados são diversos conforme os cursos. A cooperação e o desenvolvimento surgem como a principal forma da Escola fomentar actividades empreendedoras. Desta forma, os resultados obtidos demonstram a importância das instituições de ensino para estimular o espírito empreendedor, através das diversas actividades efectuadas.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, Empreendedor Nascente, Factores Potenciadores





## ABSTRACT

---

Entrepreneurship is a factor in job creation, increased competitiveness and economic growth of the countries. Aware of this, the higher education institutions have come to outline and provide entrepreneurship education programs, through which it aims to develop students' skills, abilities and knowledge needed to create new businesses, as well as promote entrepreneurial spirit.

The main objective of this research is to identify factors enhancers' entrepreneurial activities, and identify the general characteristics of entrepreneurs. For data collection was carried out a questionnaire to potential nascent entrepreneurs, belonging to the School of Management of Tomar, having collected 149 responses. It can be concluded that entrepreneurs are mostly feminine gender, with between 20 and 25 years, regardless of college, mostly have the academic degree of primary / secondary, have no previous experience in either creating companies, both in the business sector where they develop entrepreneurship and previously played or management functions. They have no family with business / company itself. Consider that the training should be inserted free on education. Take courses in postgraduate and specialization courses as the best means of training and must have a duration longer than 75 hours and they have elect the area of the school as their favorite place to provide the training . Respondents assume that the forms of entrepreneurial activities used by the Polytechnic Institute of Tomar , are the lectures and seminars, entrepreneurship courses, publishing articles outreach and partnerships , however, the results are different depending on the courses . Cooperation and development emerge as the main form of school encourages entrepreneurial activities. Thus, the results demonstrate the importance of educational institutions to stimulate the entrepreneurial spirit, through the various activities performed.

**Keywords:** Entrepreneurship, Nascent Entrepreneur, Factors Enhancers.



## AGRADECIMENTOS

---

O trabalho que aqui se apresenta resulta de um projecto de investigação, o qual foi desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Gestão de Recursos de Saúde do Instituto Politécnico de Tomar. Após a conclusão da parte escolar, em Dezembro de 2012, e aprovado o meu projecto de investigação em Conselho Científico da Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Tomar a 28 de junho de 2013, e dado o empenho colocado na dissertação, tornou-se possível terminá-la no prazo planeado.

Encontrou-se sempre presente, nos primeiros momentos do trabalho realizado, a preocupação com a concretização do objectivo final, onde hoje, após um ano e meio de entrega de corpo, alma e muitos sacrifícios pessoais, reconhece-se que todos estes sacrifícios foram válidos, na medida em que permitiram culminar um trabalho de investigação, que desde o início foi um encarado como um desafio, mas também como uma meta possível de ser atingida.

A minha primeira palavra de gratidão dirijo-a ao Instituto Politécnico de Tomar na pessoa do Doutor Eugénio de Almeida, Presidente desta Instituição, bem como à Escola Superior de Gestão de Tomar na pessoa da Doutora Maria da Conceição Fortunato, Directora da Escola Superior de Gestão de Tomar, que me permitiram atingir um desejo pessoal.

Não sendo menos importantes do que as instituições, tenho de mencionar as pessoas com quem mantive relações, estando certo que seria impossível, mencionar o nome de todas elas. Queria aproveitar para agradecer a um conjunto de pessoas, sem as quais a concretização deste trabalho não seria possível.

Ao meu orientador, o Doutor Jorge Simões, por toda a disponibilidade, conhecimento transmitido, apoio e rigor que sempre demonstrou ao longo deste percurso, não só por ter orientado de forma extraordinária esta dissertação (todos que o conhecem sabem que esta é a sua única forma de trabalhar, envolvendo-se de corpo e alma na orientação da dissertação), mas também, pela entrega e dedicação que disponibiliza a todos aqueles que, como eu, a ele ocorrem fornecendo uma orientação sem a qual a realização deste trabalho jamais seria exequível. Por essa mesma razão, o reconheço como um profissional exímio e, se tal me é permitido, um amigo.

Apesar de tudo, o meu agradecimento não pode esquecer todos os docentes da Escola Superior de Gestão que, de inúmeras formas, se prontificaram a atender os meus pedidos. Convém realçar que sem a colaboração dos seus docentes, este estudo não teria sido possível.

Gostaria, ainda, de manifestar a minha profunda gratidão a todos os docentes deste Mestrado e também das Licenciaturas com quem convivi diariamente, partilhando receios e ambições. Os seus nomes, de todos, não serão citados, pois são bastantes aqueles que me deram o seu apoio. Porém não posso deixar de referir o nome do Dr. Pedro Marques que esteve sempre presente e disponível para me encaminhar na direcção certa.

Quanto aos meus amigos de mestrado, gostaria de agradecer a todos eles sem excepção, salientando os nomes do Dr. Rui Carvalho, do Dr. Luís Godinho e do Dr. Tiago Iria, que estiveram sempre presentes em todas as reuniões de mestrado, partilhando sempre informações e apoiando todo o grupo.

Quase a terminar, torno pública uma palavra para a minha família pessoas muito especiais na minha vida que, nos bons e nos menos bons momentos, estiveram sempre presentes, dando força e confiança para terminar a dissertação, e para a minha esposa Guida Mendes

Coelho, por toda a ajuda, paciência, compreensão, respeito, orientação, motivação e empenho demonstrado ao longo deste longo caminho de investigação, sem a qual o término desta dissertação poderia prolongar-se ou até mesmo acabar por não ser exequível.

*Rodrigo José das Neves Morais*

*Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Setembro de 2013*



# Índice

Resumo .....	VII
Abstract .....	IX
Agradecimentos .....	XI
Índice de Figuras .....	XIX
Índice de Tabelas .....	XXI
Lista de abreviaturas e siglas .....	XXIII
<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1. Importância e justificação do tema .....	1
1.2 Objectivo da investigação .....	1
1.3 Estrutura da dissertação .....	2
<b>2. Empreendedorismo .....</b>	<b>3</b>
2.1 Introdução .....	3
2.2 Empreendedorismo .....	3
2.3 Empreendedor .....	4
2.4 Tipos de empreendedorismo .....	6
2.5 Factores potenciais para o Empreendedorismo .....	8
2.6 Síntese .....	10
<b>3. Caracterização do sector do Ensino Superior Politécnico em Portugal .....</b>	<b>11</b>
3.1 Introdução .....	11
3.2 Evolução histórica .....	11
3.3 Caracterização .....	15

3.4 Instituto Politécnico de Tomar.....	18
3.4.1 Estrutura e composição da Instituição visada para a Investigação.....	19
3.5 Síntese .....	21
<b>4. Questões e modelo de análise.....</b>	<b>23</b>
4.1 Introdução .....	23
4.2 Questões de Investigação .....	23
4.3 Modelo de Análise .....	23
4.3.1 Esquematização do Modelo .....	24
4.3.2 Dimensões e variáveis do modelo.....	24
4.4 Síntese .....	25
<b>5. Metodologia.....</b>	<b>27</b>
5.1 Introdução .....	27
5.2 Metodologia de Investigação .....	27
5.3 População e amostra .....	28
5.4 Conceitos e objectivos da análise factorial .....	32
5.5 Síntese .....	34
<b>6. Análise descritiva dos dados.....</b>	<b>35</b>
6.1 Introdução .....	35
6.2 Descrição da amostra .....	35
6.3 Formas de Actividades Empreendedoras.....	39
6.4 Modalidades de Formação .....	42
6.5 Síntese .....	45



<b>7. Análise factorial dos dados</b>	<b>47</b>
7.1 Introdução	47
7.2 Análise factorial das melhores opções para fomentar actividades empreendedoras..	47
7.3 Síntese	49
<b>8. Conclusões, limitações e sugestões para futuras investigações</b>	<b>51</b>
8.1 Principais conclusões	51
8.2 Limitações da investigação	54
8.3 Sugestões para futuras investigações	54
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>57</b>



## Índice de Figuras

Figura 1 – Factores impulsionadores e limitadores da capacidade empreendedora .....	24
Figura 2 – Modelo Conceptual .....	25



## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Estrutura do ensino superior público – Politécnicos.....	15
Tabela 2 - Vagas por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012.....	16
Tabela 3 - Inscritos por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012.....	16
Tabela 4 - Inscritos por Subsistema de Ensino Politécnico (EP), de 2004-05 a 2011-12 ...	17
Tabela 5 - Inscritos por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012.....	17
Tabela 6 - Número de vagas para os Cursos de Licenciatura da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012.....	19
Tabela 7 - Número de inscritos por género, nos Cursos de Licenciatura da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012.....	19
Tabela 8 - Número de vagas para os Cursos de Mestrado da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012 .....	20
Tabela 9 - Número de inscritos por género, nos Cursos de Mestrado da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012.....	20
Tabela 10 - Número de vagas para os Cursos de CET da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012 .....	20
Tabela 11 - Número de inscritos por género, nos Cursos de CET da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012.....	20
Tabela 12 - Relação entre população e amostra.....	29
Tabela 13 - Conceitos – chave de uma análise factorial.....	33
Tabela 14 – Género representativo da amostra.....	35
Tabela 15 – Idade representativa da amostra.....	36
Tabela 16 - Familiar com negócio/empresa próprio.....	36
Tabela 17 - O grau de formação académica que possui.....	37

Tabela 18 - Qual a experiência anterior na criação de empresas.....	37
Tabela 19 - Qual a experiência anterior no sector de actividade.....	37
Tabela 20 - Desempenhou anteriormente funções de gestão .....	38
Tabela 21 - Iniciativa empresarial .....	38
Tabela 22 - Iniciou um novo negócio .....	38
Tabela 23 - Sector de Actividade .....	39
Tabela 24 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	39
Tabela 25 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	40
Tabela 26 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	40
Tabela 27 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	41
Tabela 28 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	41
Tabela 29 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	42
Tabela 30 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	42
Tabela 31 - A modalidade de formação mais atractiva para o futuro da escola, visando o desenvolvimento da ideia, o plano de negócios e a decisão final.....	43
Tabela 32 - A modalidade de formação mais atractiva para o futuro da escola, visando apoiar a criação de empresas .....	43
Tabela 33 - O local da formação escolhida para realizar a formação específica.....	44
Tabela 34 - Interesse na formação de empreendedorismo .....	44
Tabela 35 - Factores para fomentar actividades empreendedoras.....	47
Tabela 36 - Factores para fomentar actividades empreendedoras. Análise factorial das variáveis.....	48

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AF – Auditoria e Fiscalidade

CET – Curso de Especialização Tecnológica

DGEEC – Direcção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DGES – Direcção Geral do Ensino Superior

ESGT – Escola Superior de Gestão de Tomar

ESTA – Escola Superior de Tecnologia de Abrantes

ESTT – Escola Superior de Tecnologia de Tomar

GAB – Gestão e Administração Bancária

GASS – Gestão e Administração de Serviços de Saúde

GPEARI – Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais

GRHCO – Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional

IES – Instituições do Ensino Superior

**IPT - Instituto Politécnico de Tomar**

MGEFE – Mestrado em Gestão de Empresas Familiares e Empreendedorismo

MGRS – Mestrado em Gestão de Recursos de Saúde

OGE – Organização e Gestão de Empresas

RAIDES – Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior





# **1. Introdução**

## **1.1. Importância e justificação do tema**

A criação de empresas é referida na literatura sobre empreendedorismo como um dos factores responsáveis pelo crescimento económico, a criação de emprego, fomento da inovação, a renovação da estrutura económica, e a melhoria da competitividade global das empresas e dos países. Desta forma, o empreendedor é aquele que cria inovações que lhe permitam obter lucros, assumindo os riscos inerentes. Os empreendedores promovem o desenvolvimento, criam novos produtos e exploram novos mercados (Schumpeter, 1934). Deste modo, Schumpeter associou o empreendedorismo ao desenvolvimento económico e demonstrou como as acções inovadoras podem introduzir descontinuidades cíclicas na economia.

Atendendo a que o empreendedorismo é uma competência de base susceptível de ser adquirida através de uma aprendizagem, de acordo com (Kirby, 2002), às instituições de ensino superior coloca-se o desafio de dar resposta à crescente procura de formação nesta área. Neste sentido, o empreendedorismo deve ser visto como um processo que pode ser gerido e aprendido (Gartner, 1985; Morris, Kuratko e Schindehutte, 2001, Trigo, 2003).

Desta forma, torna-se importante identificar as características gerais dos empreendedores e de que forma as instituições de ensino privilegiam os factores fomentadores de actividades empreendedoras.

## **1.2 Objectivo da investigação**

O objectivo principal desta investigação consiste em identificar os factores potenciadores de actividades empreendedoras, nomeadamente a unidade curricular de empreendedorismo ministrada no ensino superior e o posterior aparecimento de um empreendedor nascente.

Tendo em especial atenção o papel desempenhado pelas instituições de ensino superior, será alvo de interesse estudar o seu papel no desenvolvimento de empreendedores nascentes, relacionando essa actividade empreendedora com os factores fomentadores da mesma.

Mais especificamente, os objectivos da investigação visam:

- i.* Identificar as características e factores que definem um perfil empreendedor;

- ii. Compreender de que modo as experiências académicas, pessoais e sociais influenciam um perfil empreendedor;
- iii. Evidenciar aspectos de organização curricular e de ensino que possam favorecer o empreendedorismo.

### **1.3 Estrutura da dissertação**

Esta dissertação encontra-se dividida em oito capítulos, sendo o capítulo 1 a introdução e os capítulos 2, 3 partes respeitantes à revisão da literatura sobre os temas empreendedorismo e caracterização do sector do Ensino Superior Politécnico. Os capítulos 4,5, 6 e 7 constituem a aplicação empírica, sendo o capítulo 8 constituído pelas conclusões finais sobre o trabalho desenvolvido.

No capítulo 1 consta o enquadramento do problema, nele se descreve o porquê da investigação, os objectivos do estudo e as questões de investigação às quais se pretende dar resposta.

No capítulo 2 procede-se ao enquadramento do empreendedorismo e do empreendedor, em termos das suas origens e evolução.

No capítulo 3 procede-se ao enquadramento do sector em estudo, apresentando a sua origem e evolução. Efectuar-se-á a selecção da população alvo da investigação, analisando a estrutura e composição dessas instituições.

No capítulo 4 apresentam-se as questões e o modelo de análise.

O capítulo 5 faz uma apresentação das bases metodológicas do trabalho de campo que foi desenvolvido.

A apresentação e discussão dos resultados obtidos com a aplicação do questionário proceder-se-á no capítulo 6 e 7. As principais conclusões do estudo, algumas limitações e sugestões para que futuras investigações, são apresentadas no último capítulo.

## 2. Empreendedorismo

### 2.1 Introdução

Neste capítulo, efectua-se uma revisão da literatura com a finalidade de dar uma visão histórica do tema empreendedorismo e empreendedor. Procedeu-se à descrição das definições de empreendedorismo ao longo dos tempos, com o intuito de analisar a evolução do termo e permitir fazer uma conceptualização do mesmo, bem como os diferentes tipos de empreendedorismo. A literatura sobre o empreendedorismo é analisada com o intuito de obter os factores potenciais para o Empreendedorismo.

### 2.2 Empreendedorismo

A palavra empreender, *imprehendere*, teve origem no latim por volta do século XV e significa, empresa laboriosa e difícil, ou ainda, pôr em execução, segundo Schmidt e Bohnenberger (2008). Por outro lado, a palavra *entrepreneur* deriva do verbo francês *entreprendre*, que significa assumir, desafiar, tentar (Solomon e Winslow, 1988). De facto, o conceito empreendedor apareceu pela primeira vez em 1437 num dicionário francês (Landström, 1999). Em meados do século XVIII, Richard Cantillon, segundo Hisrich (1986: 73), definiu o termo empreendedorismo como “...*self-employment of any sort. Entrepreneurs buy at certain prices in the present and sell at uncertain prices in the future. The entrepreneur is a bearer of uncertainty*”. Especialmente, Cantillon acentuou a função do empreendedor e não a sua personalidade, destacando a sua função económica acima do estado social da pessoa.

Já no século XIX, o economista francês Jean Batist Say utilizou, novamente, o termo empreendedor no seu livro “Tratado de Economia Política”. Say (1816: 28-29) definiu o conceito através da combinação de fatores de produção, afirmando que o empreendedor é um indivíduo que “... *unites all means of production and who finds in the value of the products... the re-establishment of the entire capital he employs, and the value of the wages, the interest, and the rent which he pays, as well as the profits belonging to himself*”.

No século XX, a ciência começou a modelar e a influenciar o estado de evolução do empreendedorismo. Deste modo, o empreendedorismo assumiu um significado mais específico e científico. Os primeiros autores a analisarem a temática do empreendedorismo tinham uma formação académica que variava entre a Economia e a Psicologia (Roberts,

1991). Entre os economistas, destacou-se Schumpeter, responsável pela publicação, em 1911, do livro “Teoria do Desenvolvimento Económico”. Para Schumpeter, o empreendedor é aquele que cria inovações que lhe permitam obter lucros, assumindo os riscos inerentes. Schumpeter não só associou os empreendedores à inovação, como também realçou a importância para a promoção do desenvolvimento, responsável pela criação de novos produtos e exploração de novos mercados (Schumpeter, 1934). Deste modo, Schumpeter associou o empreendedorismo ao desenvolvimento económico e demonstrou como as acções inovadoras podem introduzir descontinuidades cíclicas na economia. Para o autor, a função crucial do empreendedor na economia assenta em três vértices: (1) a inovação; (2) o assumir riscos; (3) a permanente exposição da economia ao estado de desequilíbrio, rompendo, a cada instante, os paradigmas que se encontravam estabelecidos, até ao momento (Drucker, 1985). Nos anos quarenta, Schumpeter (1942) estendeu o conceito de empreendedorismo ao que chamou a destruição criativa, onde evidenciou o papel do empreendedor enquanto agente responsável pela introdução de novas tecnologias, contribuindo, deste modo, para a substituição de produtos e processos ultrapassados.

Portanto, o empreendedor não somente tem um papel central no avanço e progresso da economia e da sociedade, como acciona o desenvolvimento da vida empresarial, através da substituição das empresas existentes por novas organizações mais capazes de aproveitar as inovações (Schumpeter, 1942).

## 2.3 Empreendedor

Quem primeiro deu utilidade ao termo, foi o economista francês Jean-Baptiste Say, no séc. XVII, utilizando o conceito para definir o indivíduo que era capaz de aumentar a produtividade de um recurso económico (Bruyat e Julien, 2000). Ao longo dos anos têm sido dados diversos enfoques ao termo empreendedor (Moreira & Silva, 2008). No séc. XVIII, é Richard Cantillon quem explora o conceito associado ao capitalista, afirmando que o empreendedor é aquele que tem um lado racional muito apurado, capaz de lidar com o risco e com a incerteza nomeadamente na economia do mercado. O economista francês refere que o empreendedor é o homem que sabe avaliar o mercado, ponderar acerca dos custos e benefícios, deliberando antes de decidir.

Para Drucker (1985), os empreendedores são aqueles que aproveitam a oportunidade para criar a mudança com algo inovador. Esta definição vem de encontro à

definição dada por Márcen, Aranaz e Velásquez (1999). Estes autores consideram que os empreendedores se destacam pelo facto de aproveitarem as oportunidades que ninguém tinha aproveitado antes, sendo assim alvo de destaque. Segundo Silva, Henriques e Carvalho (2009), os empreendedores devem ter capacidade para pensar criticamente, independentemente e cooperativamente. É desejável que tenham curiosidade e desejo de aprender para a vida e devem também ter um profundo conhecimento sobre a importância do trabalho em equipa.

Sarkar (2007), menciona que a definição mais próxima do conceito de empreendedorismo usada actualmente seja a de Joseph Schumpeter, que refere que o empreendedor é quem aplica uma inovação no contexto dos negócios, podendo tomar várias formas, nomeadamente: introdução de um novo produto, introdução de um novo método de produção, abertura de um novo mercado, a aquisição de uma nova fonte de oferta de materiais e a criação de uma nova empresa.

Roncon (2009), por seu lado, considera que um empreendedor é um indivíduo capaz de definir as suas metas e consegue cumpri-las, através de persistência, inovação e empenho nas mesmas. Já Silva, Henriques e Carvalho (2009) referem que os empreendedores devem ter capacidade para pensar criticamente, independentemente e cooperativamente, sendo desejável que tenham curiosidade e desejo de aprender para a vida e devem também ter um profundo conhecimento sobre a importância do trabalho em equipa. Adeyemo (2009: 58) considera que “um empreendedor pode ser definido como aquele que organiza, gere e assume a criação de uma empresa”. Drucker (2002; 2003), considera que a inovação sistemática baseada no conhecimento, é, assim, a principal ferramenta do empreendedor, através da qual ele identifica uma oportunidade e explora-a para criar um negócio ou um serviço diferente.

Atendendo a que “o empreendedorismo é uma competência de base susceptível de ser adquirida através de uma aprendizagem (Kirby, 2002: 8), às universidades coloca-se o desafio de dar resposta à crescente procura de formação nesta área. Neste sentido, o empreendedorismo deve ser visto como um processo que pode ser gerido e aprendido (Gartner, 1985; Morris, Kuratko e Schindehutte, 2001, Trigo, 2003). Este processo visa a criação de novas empresas ou o desenvolvimento de novas oportunidades empresariais no seio de empresas já existentes, sendo considerado como um factor de desenvolvimento e de competitividade das economias nacionais (Ussman, 1998; Comissão Europeia, 2004;

Vyakarnam, 2005). Para Trigo (2003), o empreendedorismo engloba duas vertentes: por um lado uma atitude, relacionada com a detecção de novas oportunidades, e por outro lado, um comportamento, na medida em que o empreendedor realiza um conjunto de acções para transformar essa oportunidade numa actividade empresarial.

Baron e Shane (2008) referem que o empreendedorismo deve ser visto como um processo e não como um evento isolado, identificando as seguintes fases: reconhecer oportunidades (potencial para criar algo novo), decidir avançar e reunir os recursos necessários, prosseguir com o empreendimento, gerir e desenvolver o empreendimento tornando-o num negócio rentável, colher as recompensas do investimento realizado e, eventualmente ponderar estratégias de saída, transferindo o empreendimento para outras pessoas. Estes autores referem ainda que o processo de empreender ocorre porque um conjunto de indivíduos toma uma decisão e age sobre ela.

De acordo com a Sociedade Portuguesa de Inovação, no Projeto GEM 2004, o empreendedorismo encontra-se no centro da política económica e industrial, abrangendo quer a criação de novos negócios, quer o desenvolvimento de oportunidades em organizações já existentes. Ou seja, a definição de empreendedorismo utilizada é a seguinte: qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por um indivíduo, equipa de indivíduos, ou negócios estabelecidos (Sociedade Portuguesa de Inovação, 2004: 1).

## **2.4 Tipos de empreendedorismo**

Zen e Fracasso (2008) fazem uma reflexão muito interessante do termo empreendedor, construindo-o a partir de três paradigmas tecnológicos: revolução industrial, fordismo e tecnologia da informação. As autoras consideram que este é um termo multifacetado e dinâmico.

No paradigma industrial, o empreendedor está associado à actividade empresarial, relacionado com o risco. É neste paradigma que surge o empreendedor individual, uma vez que com o apoio financeiro de um capitalista, inicia um negócio sozinho sendo que a sua motivação maior era a obtenção do lucro.

É no paradigma fordista, onde se assiste a uma emergência de grandes fábricas e organizações, que surge um novo conceito ainda hoje alvo de estudo por muitos autores: o intra-empendedorismo. Esta nova abordagem do empreendedorismo foi considerada por muitos como revolucionária, pelo facto de ter como objectivo não a criação de uma nova empresa, mas sim a criação de empreendedores dentro de uma empresa já desenvolvida (Dantas, 2008). O facto de não ser o fundador da empresa, não impede que o intra-empendedor não possua na mesma o sentido de responsabilidade, uma vez que se o seu empreendimento não obtiver sucesso, este terá que se responsabilizar pelas consequências não só ao nível pessoal como também ao nível da organização.

Para Sarkar (2007), o intra-empendedorismo relaciona-se com empreendedores que operam com sucesso no seio de uma organização já constituída, desenvolvendo estratégias inovadoras. De acordo com este autor, mas citando Kanter (1990), esta forma de empreendedorismo é essencial para a sobrevivência de uma empresa e de acordo com o *The American Heritage Dictionary* (2011), o intra-empendedor refere-se a “uma pessoa dentro de uma grande empresa que tem responsabilidade directa em tornar uma ideia num produto final lucrativo após a inovação”.

Com a revolução das tecnologias de informação, emergem dois novos conceitos do empreendedorismo, alvo de muitos estudos actualmente: empreendedorismo social e empreendedorismo coletivo (Dees, 2001; Light, 2006; Schimdt e Dreher, 2008). Há autores que consideram que o empreendedorismo social sempre existiu, só ainda não era dado um nome oficial ao fenómeno (Dees, 2001). Zen e Fracasso (2008) concluem a sua reflexão referindo que o termo converge naquilo que é a construção de um novo empreendimento, embora divergindo nas suas características.

Segundo Sarkar (2007), o empreendedorismo social, está relacionado com os impactos mais alargados que o empreendedorismo pode ter na sociedade, uma vez que os empreendedores sociais são indivíduos que têm soluções inovadoras para os vários problemas sociais, apresentando alterações de larga escala, que Drucker (1985) refere como sendo o que ocorre nas instituições sem fins lucrativos. Podemos então diferenciar os empreendedores nos negócios, que transformam a economia criando novos serviços, e os empreendedores sociais, que, embora muitas vezes partilhando das mesmas qualidades/características que os anteriores, realizam actividades que geram mudanças sociais (Sarkar, 2007).

De acordo com Sarkar (2007), a promoção do empreendedorismo e inovação será uma das soluções apontadas para combater a taxa de desemprego em Portugal, encarando-se actualmente não como uma opção, mas como uma necessidade primordial.

## 2.5 Factores potenciais para o Empreendedorismo

Os empreendedores nascentes são as pessoas envolvidas na criação de novos negócios (Reynolds e White, 1997; Wagner 2004). O empreendedor nascente será, neste seguimento, a pessoa que está interessada em iniciar um novo negócio, que espera ser o proprietário do novo negócio, ou de parte dele, e que foi activo na tentativa de iniciar um novo negócio nos últimos 12 meses (Shaver *et al.*, 2001; Gartner e Carter, 2003; Reynolds *et al.*, 2004a; Wagner, 2004, Bilau 2007).

Segundo Hoang e Antoncic (2003), Cristobal (2006), Schiller (2006), Muller (2006) e Veciana (2006, 2008), o nível educacional dos empreendedores terá um lado positivo aquando a utilização dos conselhos profissionais emanados pela rede de inovação.

Ao longo dos anos, a decisão de se tornar empreendedor tem sido analisada usando métodos muito diferentes. Os autores começaram por olhar para a existência de certos traços de personalidade que podiam estar associados à actividade empresarial (McClelland, 1961).

Mais tarde, outros estudos apontaram para a importância de diferentes características como a idade, género, origem, religião, nível de estudos, experiência profissional, etc (Reynolds *et al.*, 1994; Storey, 1994). Estas são geralmente denominadas de variáveis demográficas (Robinson *et al.*, 1991). Erkkila (2000) enfatiza a influência da exposição ao empreendedorismo durante a infância através dos negócios de família.

Ambas as linhas de análise têm permitido a identificação de relações significativas entre certos traços ou características demográficas das pessoas e o seu comportamento empreendedor. Contudo, a capacidade preditiva tem sido muito limitada (Reynolds, 1997). Do ponto de vista teórico, estas abordagens têm sido criticadas (Gartner, 1989; Robinson *et al.*, 1991; Krueger *et al.*, 2000; Liñán *et al.*, 2002), quer pelos problemas conceptuais e de metodologia, quer pela sua baixa capacidade explicativa.



De uma terceira perspectiva, uma vez que a decisão de se tornar empreendedor pode ser plausivelmente considerada como voluntária e consciente (Krueger *et al.*, 2000), parece razoável analisar a decisão tomada.

Neste sentido, a intenção empreendedora seria um elemento prévio e determinante do comportamento empreendedor (Fayolle e Gailly, 2004; Kolvereid, 1996). Por sua vez, a intenção de realizar um determinado comportamento dependeria das atitudes pessoais face a esse comportamento (Ajzen, 1991). Uma atitude mais favorável aumentaria a intenção de a realizar.

Espírito e Sastre (2007) analisaram as características que têm uma influência positiva nas intenções empreendedoras dos estudantes, considerando os traços de personalidade, valores, factores sociodemográficos e preparação académica.

Na mesma linha de investigação, Skudiene, Auruskeviciene e Pundziene (2010) analisaram as características psicológicas e não psicológicas, assim como os factores ambientais que influenciam as intenções empreendedoras dos estudantes universitários na Lituânia. O resultado mostra que ambos os factores e o contexto influenciam as intenções empreendedoras dos estudantes. Esta informação serviu de suporte para a concepção de programas de formação em empreendedorismo.

De um modo semelhante, Mayer (2010) realizou uma revisão do estado actual do apoio dado pelas universidades à criação de empresas, focando-se directamente na educação superior no México, tentando identificar as características e os factores adequados para um plano de integração, desenvolvendo um programa eficiente de incentivos institucionais nas universidades.

Os resultados do relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* apontam dados interessantes no que diz respeito à idade em que a taxa de empreendedorismo é mais prevalente em Portugal. Assim, se em 2007, a taxa de empreendedorismo era superior na população entre os 35 e os 44 anos, em 2010 essa taxa era superior nos indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos. Em 2007, 9 em cada 100 indivíduos eram empreendedores, em 2010 o valor desce para 4 a 5 indivíduos empreendedores por cada 100 adultos. Portugal, está entre os 10 países com menos actividade empreendedora no mundo.

Relativamente às variáveis demográficas, no que diz respeito ao género, em todos os estudos analisados se verificou que existe uma maior taxa de empreendedores do sexo

masculino do que do sexo feminino (Pines, Lerner e Schwartz, 2010; Cohoon, Wadhwa e Mitchell, 2010; Teixeira, 2008; La Rey, Barbuto e Barbuto, 2006; Fischer, Reuber e Dyke, 2003).

Os dados relativos ao estatuto do trabalhador estudante indicam que os alunos que já tiveram uma experiência profissional tenham desenvolvido características como a autonomia e inovação (Shmidt e Bohnenberger, 2008).

## **2.6 Síntese**

Como se pode constatar ao longo da revisão bibliográfica, o conceito de empreendedorismo caracteriza-se pela sua polissemia.

O empreendedorismo é uma característica fulcral na sociedade actual, que deve ser fomentada, pela sua repercussão no tecido económico do país, através da criação de empregos e de fontes de riqueza.

Ao longo da revisão bibliográfica, a maior parte dos autores, pelos estudos efectuados, ou mesmo pela experiência adquirida, refuta o facto de o empreendedorismo ser um dom inato, enfatizando a influência de vários factores (pessoais, contextuais/sociais, familiares) no desenvolvimento desta característica, sendo que, os diversos pontos de vista convergem para a influência que o ensino pode ter na promoção deste aspecto.

### **3. Caracterização do sector do Ensino Superior Politécnico em Portugal**

#### **3.1 Introdução**

Neste capítulo ir-se-á analisar, na secção 3.2, a evolução que o ensino superior sofreu em Portugal. Na secção 3.3, no mesmo seguimento, apresenta-se a caracterização do sector, a sua dinâmica e crescimento, na secção 3.4, a caracterização do Instituto Politécnico de Tomar, e finalmente na secção 3.5 a síntese.

O politécnico será o lugar adequado para se formarem técnicos altamente especializados, possuidores de um treino que lhes possibilite a criação de técnicas inovadoras, sendo indispensável a investigação, desenvolvida tanto nas universidades como nos politécnicos. A formação, anteriormente mencionada, deve ser realizada através de uma relação estreita com a prática, isto é, com o conjunto das empresas e instituições de cujos técnicos dependesse o seu progresso (Simões, 2006). Os politécnicos visam proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática, bem como as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais (Simões, 2006).

#### **3.2 Evolução histórica**

Até meados da década de 70, e contrariamente à situação actual, o Ensino Superior português era quase exclusivamente público e universitário, abrangendo uma fracção da população muito reduzida e oriunda, essencialmente, de estratos socioeconómicos mais favorecidos da sociedade portuguesa (Cabrito, 2004; Sedas-Nunes, 1968). Apresentava, ainda, uma oferta educativa muito limitada, comparada com a da actualidade, sendo os cursos ministrados nas quatro Universidades clássicas portuguesas: Universidades Técnica e Clássica de Lisboa, a Universidade do Porto e a Universidade de Coimbra (Torgal, 1999). As primeiras alterações no ensino médio técnico terão ocorrido, em finais de 1968, com José Hermano Saraiva como Ministro da Educação, ainda que de forma não completa, ao não ser definido o nível de ensino a que corresponderia.

A partir da década de 70, assiste-se, então, a um aumento notório na procura deste nível de ensino, em grande medida explicada por mudanças sociais, como o aumento populacional e a melhoria das condições de vida, o alargamento da escolaridade obrigatória e o movimento de democratização da sociedade portuguesa (Barreto, 1996, 2000). O projecto político assente na expansão e diversificação do ensino, apresentado por Veiga Simão em 1971, no qual os institutos politécnicos integrariam o ensino superior juntamente com as universidades e outros estabelecimentos de ensino similar, constitui-se como um marco importante. Contudo, por razões de diversa ordem, nomeadamente políticas, esse projecto só viria a ser concretizado mais tarde, após a Revolução de Abril.

Nos momentos a seguir à Revolução, na defesa de novos valores e promoção de uma maior igualdade, as escolas de ensino médio foram promovidas ao nível de ensino superior, procurando reajustar o acesso a formação superior (Amaral e Magalhães, 2005).

Do conjunto de bases programáticas para a reforma do ensino superior que constam do Decreto-Lei n.º 363/75, de 11 de Julho, (...) em consequência, assiste-se à introdução de um conjunto de medidas com importantes repercussões na configuração do Ensino Superior, das quais se destacam, o alargamento da rede de oferta pública, a partir da criação de um conjunto de universidades, e, mais tarde, a dinamização do Ensino Superior não universitário, com a criação de institutos politécnicos em todas as capitais de distrito do País.

Neste sentido, a Lei n.º 5/73, de 25 de Julho, legaliza a extensão do ensino superior aos Politécnicos, incumbindo-os de formar bacharéis com capacitações para o exercício de determinadas actividades profissionais. Na sua sequência, o Decreto-Lei n.º 402/73 decreta que, o ensino superior é assegurado, de acordo com a Lei de Reforma do Sistema Educativo, por Universidades, Institutos Politécnicos, Escolas Normais Superiores e outros estabelecimentos equiparados, reforça a dimensão profissionalizante dos Institutos politécnicos e a necessidade de promoverem investigação aplicada e desenvolvimento experimental, tendo em atenção as necessidades nos domínios tecnológico e de serviços, particularmente as de carácter regional.

Em 1977, com a publicação do Decreto-Lei n.º 427-B/77, de 14 de Outubro, concretiza-se um importante avanço na direcção da consolidação do ensino superior politécnico, ao instituir o ensino superior de curta duração com vista à formação de

técnicos especialistas e profissionais de educação a nível superior intermédio (Lei n.º 61/78 de 28 de Julho).

O Decreto-Lei n.º 513-T/79 de 26 de Dezembro veio alterar a designação de, ensino superior de curta duração, para, ensino superior politécnico, conceptualizando-o no sistema nacional de ensino superior e conferindo-lhe idêntica identidade relativamente ao ensino universitário, este decreto acrescenta ainda formas de articulação entre os dois sistemas de ensino.

A Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, a Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, vem consagrar a existência do ensino politécnico no ensino superior português, sendo este o marco legislativo da construção binária do ensino superior. O ensino superior politécnico surgia, então, com o objectivo de, *proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais*. Em contrapartida, *o ensino universitário visa assegurar uma sólida preparação científica e cultural e proporcionar uma formação técnica que habilite para o exercício de actividades profissionais e culturais e fomenta o desenvolvimento das capacidades de concepção, de inovação e de análise crítica*. Esta Lei remete para uma distinção entre ensino universitário e ensino politécnico, esta definiu que o ensino politécnico proveria o mercado de trabalho com bacharéis e que poderia proceder à atribuição de diplomas de Estudos Superiores Especializados (CESE's). Esta não é, no entanto, a situação actual, uma vez que a Lei n.º 115/97 de 19 de Setembro estipulou que os Institutos Politécnicos passariam a conceder os graus de bacharel e de licenciado (fazendo cair os CESE's) – as licenciaturas bietápicas.

O ano lectivo de 1998/99, com a aprovação das licenciaturas bietápicas, que estão organizadas em dois ciclos sequenciais, marca o início de um novo período na sua história. Na licenciatura bietápica, a conclusão dos dois ciclos confere o grau de licenciado e o cumprimento apenas do 1.º ciclo o grau de bacharel, permitindo assim aos alunos uma mais rápida integração no mundo do trabalho.

Actualmente o ensino politécnico apresenta uma especificidade muito própria, demarca-o a sua natureza essencialmente prática, a tónica profissionalizante e a sua orientação no sentido de dar predominância aos problemas concretos e de aplicação

prática, tendo em conta as necessidades no domínio tecnológico, educacional e no sector dos serviços, particularmente as de carácter regional (Lei n.º 54/90 de 5 de Setembro).

Em Abril de 1997, em Lisboa, o Conselho da Europa e a UNESCO adoptaram o texto da Convenção sobre o reconhecimento de qualificações relativas ao Ensino Superior na Europa, a Declaração de Sorbonne (Maio 1998) da iniciativa da França, Alemanha e Itália, havia já antecipado a criação de uma Área Europeia de Ensino Superior, proposta que foi depois reformulada e retomada em Bolonha (Junho 1999) pela cimeira de Ministros da Educação europeus (29 países) - a Declaração de Bolonha, a cimeira de Praga (Maio 2001) dos Ministros da Educação europeus (32 países), veio confirmar e fixar medidas e metas concretas para a integração no espaço europeu.

Em 2003, a Comissão das Comunidades Europeias emitiu uma comunicação intitulada “O papel das universidades na Europa do conhecimento”, onde afirmou que “o crescimento da sociedade do conhecimento depende da produção de novos conhecimentos, da sua transmissão através da educação e da formação, da sua divulgação pelas tecnologias da informação e comunicação e da sua utilização em novos serviços ou processos industriais. Contudo, o Conselho Europeu numa reunião em Março de 2000, em Lisboa, definiu o objectivo estratégico para 2010, e resultou do reconhecimento que a União Europeia se defrontava com uma enorme mudança resultante da globalização e da economia baseada no conhecimento, mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social. Este objectivo conduziu a uma reflexão geral sobre os objectivos concretos dos sistemas educativos, na incidência sobre as preocupações comuns e, simultaneamente, no respeito pela diversidade nacional (Comissão Europeia, 2002).

Tornou-se urgente a regulamentação do Processo de Bolonha no caso português, que se concretizou nos Decretos-Lei n.º 64/2006, de 21 de Março, n.º 74/2006, de 24 de Março, e n.º 88/2006, de 23 de Maio, que regulam o acesso dos maiores de 23 anos ao ensino superior, o regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior e os cursos de especialização tecnológica (CET). A referência, por fim, ao Decreto-Lei n.º 114/2006, de 12 de Junho, como segunda prorrogação do regime de instalação regulado pelo Decreto-Lei n.º 24/94, de 27 de Janeiro, no âmbito do ensino superior politécnico. Também no ensino superior específico que se constitui o ensino superior militar e policial assiste-se a uma organização binária, consolidada no período pós-Bolonha através do Decreto-Lei n.º

27/2010, de 31 de Março: *acolhe o princípio do sistema binário na organização do ensino superior público militar, assente na diferenciação de objectivos entre os subsistemas politécnico e universitário.*

### 3.3 Caracterização

De forma sintética, existem 15 instituições de Ensino Politécnico, distribuído por um total de 75 Escolas, 5 Escolas Superiores não Integradas e 14 Escolas Politécnicas integradas em Universidades. Oferecem Cursos de Especialização Tecnológica (CET), de Licenciatura, de Mestrado e Cursos de Pós-Graduação. Note-se que as instituições de Ensino Militar e Policial, pertencentes ao ensino superior público foram excluídas da tabela 1, dado os objectivos que se pretendem analisar na presente investigação.

**Tabela 1 - Estrutura do ensino superior público – Politécnicos**

Politécnicos	
Instituto Politécnico de Lisboa	Instituto Politécnico de Tomar
Instituto Politécnico de Bragança	Instituto Politécnico de Guarda
Instituto Politécnico de Viseu	Instituto Politécnico de Portalegre
Instituto Politécnico de Castelo Branco	Instituto Politécnico de Setúbal
Instituto Politécnico de Coimbra	Instituto Politécnico do Porto
Instituto Politécnico de Leiria	Instituto Politécnico de Viana do castelo
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Instituto Politécnico de Beja
Escola Superior Enfermagem de Lisboa	Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior Enfermagem do Porto	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
Escola Náutica Infante D. Henrique	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Fonte: adaptado de DGES (2012)

Os Institutos Politécnicos e as Escolas politécnicas não integradas, em 2010-11, ofereciam 627 cursos de licenciaturas, com cerca de 92 mil estudantes; 358 cursos de mestrado, com aproximadamente 13.800 estudantes; 179 cursos de especialização tecnológica (CET), estando inscritos 4.811 estudantes e, por último, 172 cursos de pós graduação e de especialização, com cerca de 2.900 estudantes (DGES, 2010).

Constata-se que o número de vagas no Ensino Superior Público e Privado apresentou uma tendência crescente, até ao ano lectivo 2009-10, a partir do qual as vagas começaram a decrescer especialmente no Ensino Privado. Verificou-se que no ano lectivo de 2009-10 atingiu-se o máximo de 38.841 vagas, sendo a sua distribuição, relativamente aos dois sectores, mais favorável para o subsistema de ensino público, segundo dados do GPEARI (2012).

**Tabela 2 – Vagas por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012**

Subsistema de ensino	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009- 10	2010-11	2011-12
<b>Público</b>	21 070	21 304	21 202	22 882	24 068	24 600	25 370	25 270
<b>Privado</b>	11 697	12 527	12 845	13 645	13 964	14 241	12 976	11 633
<b>Total</b>	<b>32 767</b>	<b>33 831</b>	<b>34 047</b>	<b>36 527</b>	<b>38 032</b>	<b>38 841</b>	<b>38 346</b>	<b>36 903</b>

Fonte: adaptado de DGEEC (2012)

**Tabela 3 – Inscritos por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012**

Subsistema de ensino	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009- 10	2010-11	2011-12
Público	22 485	21 132	25 371	31 461	33 745	34 789	37 883	33 582
Privado	8 583	7 522	8 986	9 806	8 573	8 705	9 116	6 881
<b>Subtotal Ensino Politécnico</b>	<b>31 068</b>	<b>28 654</b>	<b>34 357</b>	<b>41 267</b>	<b>42 318</b>	<b>43 494</b>	<b>46 999</b>	<b>40 463</b>
Público	60	411	1 192	3 086	3 100	3 190	4 224	4 139
Privado	17	31	0	22	92	197	181	98
<b>Subtotal (CET)</b>	<b>77</b>	<b>442</b>	<b>1 192</b>	<b>3 108</b>	<b>3 192</b>	<b>3 387</b>	<b>4 405</b>	<b>4 237</b>
<b>Total</b>	<b>31 145</b>	<b>29 096</b>	<b>35 549</b>	<b>44 375</b>	<b>45 510</b>	<b>46 881</b>	<b>51 404</b>	<b>44 700</b>

Fonte: adaptado de DGEEC (2012)

É de destacar que o sistema de ensino superior politécnico teve um crescimento positivo, passando de cerca de 31.145 estudantes no ano lectivo 2004-05, para cerca de 44.700 em 2011-12. Verifica-se (tabela 3) um crescimento do número de alunos inscritos nos Cursos de Especialização Tecnológica, sendo que no ano lectivo 2011-12 estavam inscritos 4.237 alunos e 40.463 alunos inscritos no Ensino Politécnico.

Em 2011-12, 55% dos inscritos em estabelecimentos de ensino superior eram mulheres. Mantendo a tendência que se verifica desde 2004-05, as mulheres inscritas em



2011-12, continuavam a ter o maior peso no total dos inscritos. No entanto, a percentagem de homens inscritos, também cresceu 20% desde 2006-07.

**Tabela 4 – Inscritos por Subsistema de Ensino Politécnico (EP), de 2004-05 a 2011-12**

Sexo	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009- 10	2010-11	2011-12
Homens	35 109	34 572	42 959	50 663	51 947	54 964	58 040	51 550
Mulheres	49 254	48 148	52 382	63 451	63 425	67 350	73 468	65 026
<b>Subtotal (EP)</b>	<b>84 363</b>	<b>82 720</b>	<b>95 341</b>	<b>114 114</b>	<b>115 372</b>	<b>122 314</b>	<b>131 508</b>	<b>116 576</b>
Homens	143	788	923	2 540	2 660	2 992	3 591	3 365
Mulheres	80	265	505	1 007	1 266	1 429	1 952	1 851
<b>Subtotal (CET)</b>	<b>223</b>	<b>1 053</b>	<b>1 428</b>	<b>3 547</b>	<b>3 926</b>	<b>4 421</b>	<b>5 543</b>	<b>5 216</b>
<b>Total</b>	<b>84 586</b>	<b>83 773</b>	<b>96 769</b>	<b>117 661</b>	<b>119 298</b>	<b>126 735</b>	<b>137 051</b>	<b>121 792</b>

Fonte: adaptado de DGEEC (2012)

Em 2011-12, 65.150 alunos inscreveram-se em cursos de licenciatura. O número de alunos que se inscreveram, em cursos de especialização tecnológica, em estabelecimentos de ensino superior, acresceu entre 2004-05 e 2011-12, passando de 223 para 5.216.

Em 2011-12, estavam inscritos em cursos de formação inicial (licenciaturas e mestrados integrados) 66% dos alunos. Da totalidade dos inscritos, 42.880 alunos inscreveram-se em cursos de mestrado, sendo este o nível de formação que registou um maior crescimento.

**Tabela 5 – Inscritos por Subsistema de ensino politécnico, de 2004-2005 a 2011-2012**

Subsistema de ensino	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009- 10	2010-11	2011-12
Bacharelato	1 537	1 109	812	41	0	0	0	0
Licenciatura	66 023	62 804	72 215	75 932	73 444	73 312	74 397	65 150
Mestrado Integrado	0	0	5 105	9 794	10 857	11 469	11 978	11 595
Mestrado 2º Ciclo	0	0	2 395	17 242	21 780	27 871	35 788	31 277
Mestrado	8 391	9 707	6 483	3 296	1 188	180	10	8
CET	223	1 053	1 428	3 547	3 926	4 421	5 543	5 216
Outras Formações	7 087	7 343	6 136	4 897	4 763	4 502	4 032	3 329
<b>Total</b>	<b>83 261</b>	<b>82 016</b>	<b>94 574</b>	<b>114 749</b>	<b>115 958</b>	<b>121 755</b>	<b>131 748</b>	<b>116 575</b>

Fonte: adaptado de Inquérito RAIDES, DGEEC (2012)

### 3.4 Instituto Politécnico de Tomar

“O Instituto Politécnico de Tomar (IPT) é há 25 anos uma Instituição de referência no Ensino Superior Politécnico. Com 23 cursos de licenciatura, o IPT oferece soluções que abrangem as mais diversas áreas do conhecimento e, procura constantemente actualizar os conteúdos programáticos de acordo com as carências verificadas no tecido empresarial. Sendo que, já todos os cursos se encontram adaptados ao Modelo de Bolonha. O IPT possui um campus em Tomar que acolhe os alunos da Escola Superior de Tecnologia de Tomar e da Escola Superior de Gestão de Tomar e, em Abrantes, a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes. Todas as Escolas possuem um corpo docente empenhado, infra-estruturas e serviços direccionados para uma formação capaz de integrar os licenciados no mercado de trabalho. Os laboratórios modernamente equipados são outra das apostas do IPT, permitindo, assim, uma forte relação com o exterior através da prestação de serviços, possibilitando aos alunos o confronto com situações da vida real” (Instituto Politécnico de Tomar, 2013).

“O IPT possui, igualmente, infra-estruturas e serviços de apoio que dão resposta às diversas necessidades dos alunos. Com uma residência no interior do campus; laboratórios na área das engenharias equipados com máquinas únicas na Península Ibérica; salas de informática capaz de responder às diversas exigências da evolução tecnológica; salas de simulação empresarial; laboratórios técnicos, acesso à rede *Wireless* a partir de qualquer espaço do campus; bibliotecas; reprografias; bares e cantinas. O Instituto Politécnico de Tomar oferece aos seus alunos condições materiais excelentes, para além da óptima relação de proximidade docente/aluno” (Instituto Politécnico de Tomar, 2013). Todos os anos se verifica uma grande preocupação com o acolhimento e a boa integração dos novos alunos quer por parte dos alunos mais velhos quer por parte da Presidência da Instituição. Verificam-se, pois, uma série de iniciativas que visam facilitar a entrada dos novos alunos, na vida universitária, como por exemplo, sessões de acolhimento, boa relação com os docentes, que facilita a aprendizagem e o êxito nas unidades curriculares.

“As associações de estudantes todos os anos desenvolvem actividades que visam a integração dos alunos na vida académica; aos novos alunos é, ainda possível integrarem as premiadas tunas académicas – Tuna Templária, Cavaleiras de *Sellium* e a EstaTuna – que,

todos os anos abrem inscrições para os novos talentos” (Instituto Politécnico de Tomar, 2013).

### 3.4.1 Estrutura e composição da Instituição visada para a Investigação

O objecto da investigação serão os Cursos de Especialização Tecnológica, Licenciatura e Mestrado ministrados na Escola Superior de Gestão de Tomar que nas suas unidades curriculares contenham a disciplina de empreendedorismo.

Desta forma torna-se necessário de acordo com o que se pretende posteriormente caracterizar: o número de vagas por curso, de inscritos e a diferenciação por género.

**Tabela 6- Número de vagas para os Cursos de Licenciatura da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>Licenciaturas</b>	<b>Vagas</b>
Auditoria e Fiscalidade	25
Gestão e Administração Bancária (Pós – Laboral)	25
Gestão de Empresas	50
Gestão de Empresas (Pós-Laboral)	15
Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional	35
Gestão e Administração de Serviços de Saúde	30
Gestão Turística e Cultural	30
<b>Total</b>	<b>210</b>

Fonte: RAIDES (2011)

**Tabela 7 - Número de inscritos por género, nos Cursos de Licenciatura da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>Licenciaturas</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Administração Pública	10	10
Auditoria e Fiscalidade	15	27
Gestão e Administração Bancária (Pós – Laboral)	35	38
Gestão de Empresas	83	97
Gestão de Empresas (Pós-Laboral)	44	66
Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional	41	116
Gestão e Administração de Serviços de Saúde	21	63
Gestão de Comércio e Serviços	3	3
Gestão Turística e Cultural	35	58
<b>Total</b>	<b>287</b>	<b>478</b>

Fonte: RAIDES (2011)

Ao comparar o número de vagas com o número de inscritos, verifica-se que a Licenciatura de Administração Pública e a Licenciatura de Gestão de Comércio e Serviços foram extintas (tabelas 6 e 7).

**Tabela 8- Número de vagas para os Cursos de Mestrado da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>Mestrado</b>	<b>Vagas</b>
Auditoria e Análise Financeira	20
Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural	20
Gestão de Recursos de Saúde	20
<b>Total</b>	<b>60</b>

Fonte: RAIDES (2011)

**Tabela 9 - Número de inscritos por género, nos Cursos de Mestrado da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>Mestrado</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Auditoria e Análise Financeira	10	13
Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural	4	10
Gestão de Recursos de Saúde	11	6
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>29</b>

Fonte: RAIDES (2011)

Relativamente às comparações nos Mestrados verifica-se o não preenchimento da totalidade de vagas no mestrado de Gestão de Recursos de Saúde e no Mestrado de Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural (tabela 8 e 9).

**Tabela 10- Número de vagas para os Cursos de CET da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>CET</b>	<b>Vagas</b>
Aplicações Informáticas de Gestão	20
Técnicas e Gestão de Turismo	20
Gestão da Qualidade	20
Banca e Seguros	20
Contabilidade e Gestão	20
<b>Total</b>	<b>100</b>

Fonte: RAIDES (2011)

**Tabela 11 - Número de inscritos por género, nos Cursos de CET da Escola Superior de Gestão de Tomar, 2011-2012**

<b>CET</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Aplicações Informáticas de Gestão	31	26
Técnicas e Gestão de Turismo	10	15
Gestão da Qualidade	48	27
Banca e Seguros	17	20
Contabilidade e Gestão	15	30
<b>Total</b>	<b>121</b>	<b>118</b>

Fonte: RAIDES (2011)

Verifica-se uma grande afluência aos Cursos de Especialização Tecnológica em qualquer um dos cursos. Relativamente ao género que frequenta, os valores são bastante equitativos sendo de 118 o número de mulheres e 121 o número de homens.

### **3.5 Síntese**

O ensino superior português possui duas grandes instituições, as universidades e os politécnicos. As universidades possuem como missão a gestão dos saberes acumulados durante séculos de observação e de pensamento, enquanto os politécnicos visam proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais.

O objecto da investigação serão os Cursos de Especialização Tecnológica, Licenciatura e Mestrado ministrados na Escola Superior de Gestão de Tomar, que nas suas unidades curriculares contenham a disciplina de empreendedorismo, no ano curricular de 2012-2013.



## **4. Questões e modelo de análise**

### **4.1 Introdução**

No decurso deste capítulo ir-se-ão descrever os conceitos chave utilizados na presente investigação. De seguida apresentar-se-ão as questões que serviram de base à investigação empírica. Após a formulação das questões de investigação será apresentado um modelo de análise coerente e unificado para a investigação empírica que se pretende desenvolver.

### **4.2 Questões de Investigação**

Da análise dos conceitos teóricos e das variáveis mais relevantes, bem como da revisão da literatura, elaboram-se um conjunto de questões teóricas genéricas, que constituem o fundamento das hipóteses a formular e a serem testadas empiricamente.

De acordo com o que foi exposto em epígrafe, a principal questão de investigação que se coloca é a seguinte: será que as instituições de ensino superior (IES) impulsionam o surgimento de empreendedores nascentes através dos factores fomentadores de actividades empreendedoras?

Com a investigação empírica procura-se responder às seguintes questões:

- i.* Quais as características gerais dos empreendedores nascentes? Identificar as discrepâncias de género e de idade, bem como as características gerais dos diferentes empreendedores, oriundos de diversas áreas científicas.
- ii.* Qual os factores que fomentam actividades empreendedoras? A forma como as instituições encaram o tema da criação de empresas, o que sabem e quais as atitudes e as práticas face ao mesmo.

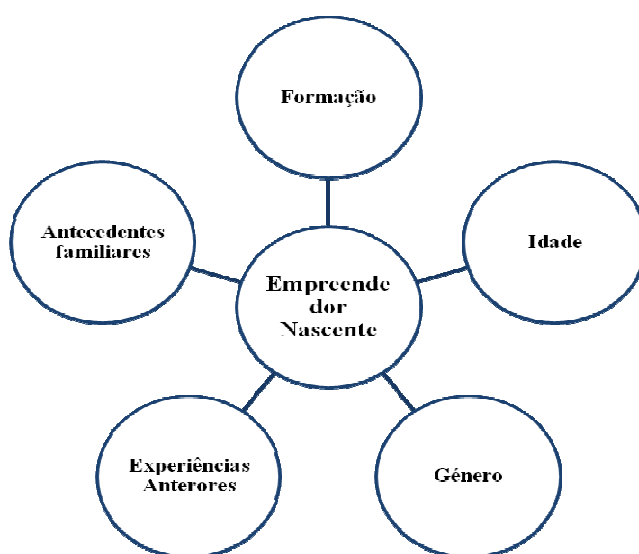
### **4.3 Modelo de Análise**

O Modelo é um conjunto de conceitos logicamente articulados entre si por relações presumidas. Identificados os conceitos teóricos e as variáveis mais relevantes, torna-se agora possível elaborar o modelo de análise, sua esquematização e apresentação das dimensões e variáveis.

### 4.3.1 Esquematização do Modelo

A partir da revisão de literatura efectuada, constata-se que os empreendedores nascentes são influenciados por um vasto e complexo número de factores, tanto internos como externos. Para analisar quais os factores que podem impulsionar ou limitar a capacidade empreendedora dos estudantes do Ensino Superior foi construído um modelo (Figura 1).

Figura 1 – Factores impulsionadores e limitadores da capacidade empreendedora



Fonte: Elaboração própria

Considera-se como unidade de análise o empreendedor nascente, procurando-se aprofundar o conhecimento sobre o indivíduo que se envolve no processo de criação de empresas e que toma ou não a decisão de criar a empresa. Sendo assim, torna-se importante analisar algumas das características, que poderão influenciar a sua decisão de criar empresas, nomeadamente: formação, idade, género, experiências anteriores e antecedentes familiares.

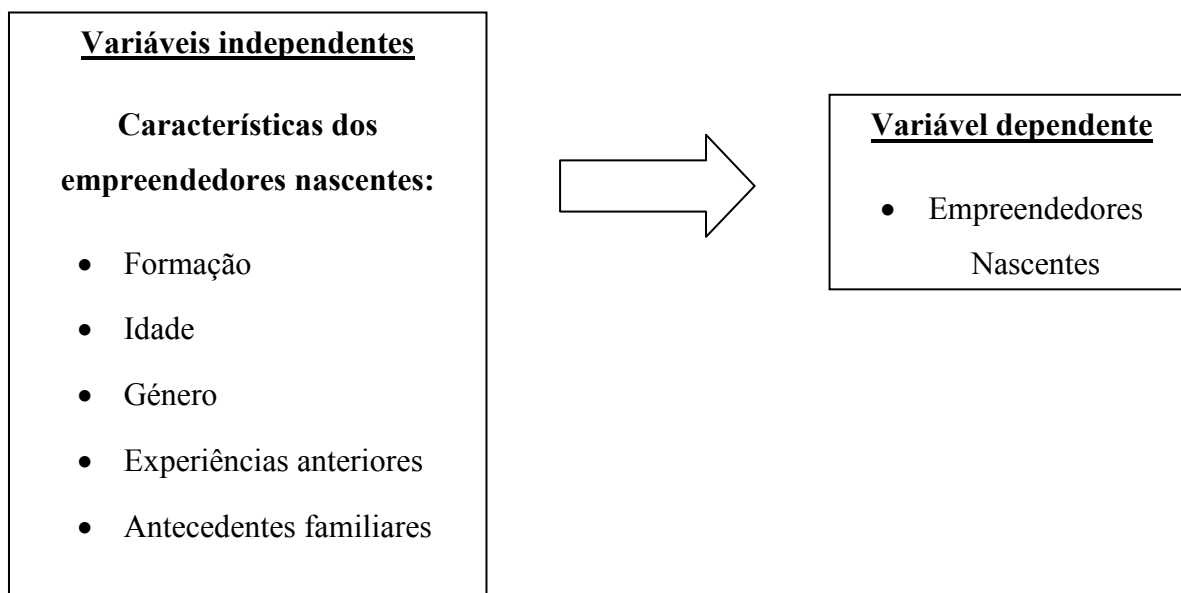
### 4.3.2 Dimensões e variáveis do modelo

O modelo conceptual da investigação visa aferir se o estudante se tornará um empreendedor nascente impulsionado pelas características identificadas na figura 2,



contemplando como variável dependente os empreendedores nascentes e como variáveis explicativas (independentes) as características dos empreendedores supra mencionados.

Figura 2 – Modelo Conceptual



Fonte: Elaboração própria

As características dos empreendedores nascentes são representadas por variáveis relacionadas com as características que influenciam o surgimento de empreendedores nascentes, como o nível de formação, a idade, o género, as experiências anteriores e os antecedentes familiares. Este modelo conceptual apresentado pressupõe que as características identificadas influenciam o estudante a tornar-se um empreendedor nascente.

#### 4.4 Síntese

Os empreendedores nascentes desfrutam de determinadas características tais como: a idade, género, experiências anteriores, antecedentes familiares e nível de formação, que podem influenciar a sua decisão de criação de empresas. Da análise dos conceitos teóricos e destas variáveis, elaboraram-se cinco hipóteses teóricas, que constituem o fundamento das hipóteses para serem testadas empiricamente.

Com base na revisão da literatura efectuada sobre os empreendedores nascentes, propôs-se um modelo conceptual da investigação, contemplando como variável dependente

os empreendedores nascentes e como variáveis explicativas (independentes) as características dos empreendedores supra mencionados.

Este modelo conceptual apresentado pressupõe que as características identificadas influenciam o estudante a tornar-se um empreendedor nascente.

## **5. Metodologia**

### **5.1 Introdução**

No decurso deste capítulo ir-se-á apresentar a metodologia empregue no estudo. Para justificar as opções tomadas serão abordados e esclarecidos conceitos relevantes como, por exemplo, os conceitos de população, amostra e inquérito por questionário.

Na linha de pensamento de Fortin (2009), a metodologia é entendida como o conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica.

Com a realização deste capítulo pretendemos apresentar quais os métodos para a operacionalização do estudo, uma vez que é nesta fase que “... o investigador determina os métodos que utilizará para obter as respostas às questões colocadas...” (Côte, Fortin e Vissandjée, 2000, p.21).

### **5.2 Metodologia de Investigação**

A escolha do método a utilizar depende de vários factores. De acordo com Côte, Fortin e Vissandjée (2000, p. 22), “o método de investigação quantitativo, é um processo sistemático de colheitas de dados observáveis e quantificáveis. É baseado em factos objetivos, acontecimentos e fenómenos que existem independentemente do investigador. (...) O investigador adopta um processo ordenado, que o leva a percorrer uma série de etapas, desde a definição de problemas à obtenção de resultados”.

Cada investigação deve ter um propósito muito claro para ser válida, a pesquisa precisa de ter um questionário bem elaborado, uma amostra de tamanho apropriado e uma boa taxa de resposta (Beaglehole, Bonita, Kjellstrom, 2010).

A metodologia de investigação adoptada foi o estudo de caso, de acordo com Yin (2005), cada estratégia de pesquisa representa uma maneira diferente de colher e analisar dados, seguindo a sua própria lógica, apresentando, cada uma, vantagens e desvantagens. O que diferencia cada estratégia são três condições: o tipo de questão proposta para a pesquisa, a extensão do controle que o investigador tem sobre os eventos e o grau de enfoque em acontecimentos contemporâneos em oposição a acontecimentos históricos (Yin, 2005). Neste método de estudo o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características do objecto da pesquisa (Goode e Hatt, 1979), dirigido a uma unidade

particular, uma ou várias organizações, ou grupos dentro de uma organização com vista a uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenómeno (Hartley, 1994). De acordo com Hartley (1994), não é um método propriamente dito, mas uma estratégia de pesquisa e a sua capacidade de explorar processos sociais à medida que estes ocorrem nas organizações permite uma análise processual, contextual e longitudinal do significado das acções.

Para Yin (2005), o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende o planeamento, a colheita e a análise de dados. Este método de estudo é específico da pesquisa de campo, pois são investigações que ocorrem sem qualquer interferência significativa do pesquisador e quando o tipo de questão de pesquisa é da forma como e porquê. De acordo com o mesmo autor, esta estratégia é preferida quando o investigador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se situa entre fenómenos inseridos num contexto da vida real. O objectivo é compreender a situação em estudo e, ao mesmo tempo, desenvolver teorias mais generalistas das características do fenómeno observado (Fidel, 1992).

Pelo carácter flexível do seu planeamento, o estudo de caso estimula novas descobertas, enfatiza a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-se como um todo e apresentando simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre estes (Ventura, 2007).

### **5.3 População e amostra**

Na perspectiva de Fortin (2009) a população é o conjunto de todos os sujeitos ou outros elementos de um grupo bem definido tendo em comum, uma ou várias características semelhantes e sobre o qual assenta a investigação.

A amostra é um subconjunto da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características dessa população (Gil, 2008).

Num estudo de caso a escolha da amostra adquire um sentido muito particular (Bravo, 1998). De facto a selecção da amostra é fundamental, pois constitui o cerne da investigação. Segundo Bravo (1998), a constituição da amostra é sempre intencional baseando-se em critérios pragmáticos e teóricos, em detrimento dos critérios probabilísticos, procurando as variações máximas e não a uniformidade.

No trabalho de investigação em análise, a população é constituída pelos alunos da Escola Superior de Gestão, que frequentam os cursos que ministram formação na área de empreendedorismo no ano lectivo 2012/2013 e a amostra foi baseada em critérios de conveniência. De acordo com os dados, a população é constituída por 185 alunos e a amostra 149 que constitui 81% da população em estudo.

**Tabela 12 – Relação entre população e amostra**

<b>Cursos de Licenciaturas no Instituto Politécnico de Tomar</b>	<b>População</b>	<b>Amostra</b>
Gestão e Administração de Serviços de Saúde	25	24
Auditoria e Fiscalidade	5	4
Gestão e Administração Bancária	14	6
OGE (diurno)	40	37
OGE (Pós Laboral)	19	16
Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional	57	47
<b>Total I</b>	<b>160</b>	<b>134</b>
<b>Cursos de Mestrado no Instituto Politécnico de Tomar</b>		
MGEFE	12	6
Mestrado de Gestão de Recursos de Saúde (2ª edição)	13	9
<b>Total II</b>	<b>25</b>	<b>13</b>
<b>Total III = I + II</b>	<b>185</b>	<b>149</b>

Fonte: Elaboração própria

Como instrumento de recolha de dados, utilizou-se um questionário, sendo estes introduzidos em números e existindo decisões prévias (estatística descritiva e análise factorial) sobre a futura apresentação dos mesmos. Neste seguimento, existem métodos que indicam os meios técnicos da investigação e que têm por objectivo proporcionar ao investigador os meios necessários para garantir a objectividade e a precisão no estudo dos factos reais. Como foi anteriormente referido, o inquérito por questionário foi a técnica de recolha de dados utilizada. Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto. Estes podem ser de natureza social, económica, familiar, profissional, relativos às suas opiniões, à atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de

consciência de um acontecimento ou de um problema (Gil, 2008). A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está a ser perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que faça parte das características da linguagem do grupo.

O questionário apresenta inúmeras vantagens, nomeadamente: a) Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado por correio; b) Implica menores gastos com pessoas, posto que não exige treinamento de pesquisadores; c) Garante anonimato nas respostas; d) Permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem convincente; e) Não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (Gil, 2008).

O questionário segundo Gil (2008) enquanto instrumento de pesquisa também apresenta limitações tais como: a) Exclui pessoas que não sabem ler ou escrever; b) Impede auxílio ao informante quando este não entende correctamente as instruções ou perguntas; c) Não oferece a garantia de que a maioria das pessoas o devolve devidamente preenchido, o que pode implicar a significativa diminuição da representatividade da amostra; d) Envolve, geralmente, um número relativamente pequeno de perguntas, porque questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos; e) Proporciona resultados bastante críticos em relação à subjectividade, pois os itens podem ter significado diferente para cada sujeito pesquisado.

Existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão (Gil, 2008). As vantagens são: a) Preza o pensamento livre e a originalidade; b) Surgem respostas mais variadas; c) Respostas mais representativas e fiéis da opinião do inquirido; d) O inquirido concentra-se mais sobre a questão; e) Vantajoso para o investigador, pois permite-lhe recolher variada informação sobre o tema em questão. As desvantagens: a) Dificuldade em organizar e categorizar as respostas; b) Requer mais tempo para responder às questões; c) Muitas vezes a caligrafia é ilegível; d) Em caso de baixo nível de instrução dos inquiridos, as respostas podem não representar a opinião real do próprio.

Relativamente às questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas selecciona a opção (de entre as apresentadas), que mais se adequa à sua opinião.

Oferece como vantagens: a) Rapidez e facilidade de resposta; b) Maior uniformidade, rapidez e simplificação na análise das respostas; c) Facilita a categorização das respostas para posterior análise; d) Permite contextualizar melhor a questão. Contudo também apresenta desvantagens: a) Dificuldade em elaborar as respostas possíveis a uma determinada questão; b) Não estimula a originalidade e a variedade de resposta; c) Não preza uma elevada concentração do inquirido sobre o assunto em questão; d) O inquirido pode optar por uma resposta que se aproxima mais da sua opinião não sendo esta uma representação fiel da realidade. Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto. Ao administrar o questionário, o investigador selecciona o tipo de questão a apresentar de acordo com o fim para o qual a informação é usada, as características da população em estudo e o método escolhido para divulgar os resultados, tendo em conta as vantagens e desvantagens de cada tipo de respostas (Gil, 2008).

Segundo Gil (2008) as perguntas podem ser classificadas quanto ao seu conteúdo, da seguinte forma: a) Questões sobre factos, referem-se a dados concretos e fáceis de precisar; b) Questões sobre crenças, referem-se à experiências subjetivas das pessoas, ou seja, aquilo que elas acreditam que sejam factos; c) Questões sobre sentimentos, referem-se sobre reações emocionais das pessoas diante de determinados fatos, fenómenos, instituições ou outras pessoas; d) Questões sobre padrões de ação, referem-se genericamente sobre os padrões éticos relativos ao que deve ser feito, podendo envolver também padrões práticos de comportamento (o que é feito); e) Questões dirigidas a comportamento presente ou passado, tratam dos comportamentos adotados no passado ou/e no presente pelas pessoas; f) Questões referentes a razões conscientes de crenças, sentimentos, orientações ou comportamentos, têm o objetivo de descobrir o porquê consciente de determinado comportamento ou facto.

Desta forma, foram realizados conjuntos de questionários, para os diversos cursos da Escola Superior de Gestão vocacionados para o ensino do empreendedorismo.

- **Questionário de Avaliação da Formação em Empreendedorismo**

Para a realização deste estudo foi utilizado um questionário para aplicar aos estudantes (anexo I), que tinha sido utilizado no estudo de Simões (2010).

De acordo com Mattar (1999), o conjunto de questões deve ser organizado, de uma forma lógica, evitando-se as questões irrelevantes, intrusivas, desinteressantes, com uma estrutura ou formato demasiado longo, confuso e complexo. Segundo este mesmo autor, num instrumento de colheita de dados, as questões e a ordem pelo que são colocadas são extremamente importantes, na medida em que têm efeito no tipo e qualidade da informação obtida, e afecta, ainda, o interesse dos respondentes em participar no estudo.

O questionário, é composto por três partes: a primeira, de questões abertas e fechadas, de caracterização da amostra; a segunda parte sobre as formas de actividades empreendedoras e a terceira parte sobre as modalidades de formação. Assim, a primeira parte do questionário visava a caracterização pessoal, sociocultural e familiar do estudante e a identificação do ano e curso que frequenta. Também procurava descobrir as intenções empreendedoras de iniciativa empresarial, a iniciativa de iniciar um novo negócio e o sector de actividade. Na segunda parte (que incluía uma escala tipo *Likert*, 1= *discordo totalmente*; 2= *discordo*; 3= *indeciso*; 4= *concordo*; 5= *concordo totalmente*), tem como objectivos identificar a melhor forma da escola fomentar actividades empreendedoras. Com a terceira parte pretendia-se conhecer a opinião dos participantes relativamente às modalidades de formação tendo em conta o desenvolvimento de ideias de negócio, bom como à criação de empresas.

## 5.4 Conceitos e objectivos da análise factorial

A análise factorial é um nome genérico que denota uma classe de processos utilizados essencialmente para a redução e para a sumarização dos dados, sendo que, na pesquisa em gestão, pode haver um grande número de variáveis, a maioria delas correlacionadas e que devem ser reduzidas a um nível capaz de ser gerido (Malhotra, 2008). Para Pestana e Gageiro (2005: 487), esta análise “é um conjunto de técnicas estatísticas que procura explicar a correlação entre as variáveis observáveis, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever”.

Segundo Malhotra (2008), utiliza-se análise factorial nas seguintes circunstâncias: a) Para identificar dimensões latentes ou fatores que expliquem as correlações entre um conjunto de variáveis; b) Para identificar um conjunto novo, menor, de variáveis não-correlacionadas para substituir o conjunto original de variáveis correlacionadas na análise multivariada subsequente – regressão ou análise discriminante; c) Para identificar, em um



conjunto maior, um conjunto menor de variáveis que se destacam para uso em análise multivariada subsequente.

Associadas à análise factorial surgem estatísticas, designadas como conceitos – chaves para a análise factorial representados na tabela 12, que são:

**Tabela 13 – Conceitos – chave de uma análise factorial**

TERMO	CONCEITO
- Teste de esfericidade de Bartlett	Uma estatística de teste usada para examinar a hipótese de que as variáveis não sejam correlacionadas na população. Em outras palavras, a matriz de correlação da população é uma matriz de identidade; cada variável se correlaciona perfeitamente com ela própria ( $r = 1$ ) mas não apresenta correlação com as outras variáveis ( $r = 0$ );
- Matriz de Correlação	O triângulo inferior da matriz que exhibe as correlações simples, $r$ , entre todos os pares possíveis de variáveis incluídas na análise. Os elementos da diagonal, que são todos iguais a 1, em geral são omissos;
- Comunalidade	Porção da variância que uma variável compartilha com todas as outras variáveis consideradas. É também a proporção de variância explicada pelos factores comuns;
- Autovalor ( <i>Eigenvalue</i> )	Representa a variância total explicada por cada factor;
- Carga dos factores	Correlações simples entre as variáveis e os factores;
- Gráfico das cargas dos factores	Gráfico das variáveis origina utilizando as cargas de factores como coordenadas;
- Matriz de factores	Contém as cargas dos factores de todas as variáveis em todos os factores extraídos;
- Scores factoriais	Scores compostos estimados para cada entrevistado nos factores derivados;
- Medida de adequacidade da amostra Kaiser – Meyer – Olkin	Índice usado para avaliar a adequacidade da análise factorial. Valores altos (entre 0,5 e 1,0) indicam que a análise factorial é apropriada. Valores abaixo de 0,5 indicam que a análise factorial pode ser inadequada;
- Percentagem de variância	Percentagem da variância total atribuída a cada factor;
- Resíduos	Diferenças entre as correlações observadas, dadas na matriz de correlação de entrada (input) e as correlações reproduzidas, conforme estimadas pela matriz de factores.
- Scree Plot	Gráfico de auto-valores <i>versus</i> número de factores por ordem de extracção.

Fonte: adaptado de Malhotra (2008)

O primeiro passo a ser realizado, quando se aplica análise factorial, será o de verificar as relações entre as variáveis, que pode ser efectuado utilizando-se o coeficiente de correlação linear como medida de associação entre cada par de variáveis. Constrói-se, de seguida, uma matriz de correlação dessas variáveis, escolhendo-se um método de análise factorial. O pesquisador é que decide quanto ao número de factores a serem extraídos e quanto ao método de rotação. De seguida, devem-se interpretar os factores rotados. Dependendo dos objectivos, podem-se calcular os scores factoriais, ou seleccionar variáveis substitutas, para representar os factores numa análise multivariada subsequente. Finalmente, determina-se o ajuste do modelo de análise factorial (Malhotra, 2008).

Resumidamente pode-se explicar duas abordagens, básicas, da análise factorial que são a análise de componentes principais e a análise factorial comum. “Na análise de componentes principais, leva-se em conta a variância total. Recomenda-se a análise de componentes principais quando o objectivo principal do pesquisador é determinar o número mínimo de factores que responderão pela variância máxima nos dados a serem usados numa análise multivariada subsequente. Na análise factorial comum, os dados são estimados apenas com base na variância comum. Este método é apropriado quando a preocupação é identificar as dimensões latentes e quando há interesse na variância comum. Este método também é conhecido como factoramentos segundo o eixo principal” (Malhotra, 2004: 520). O número de factores a extraírem-se pode ser determinado á priori ou com base em auto-valores, gráficos de declive, percentagem de variância, confiabilidade meio a meio ou testes de significância. Embora a matriz inicial (ou não rotada) de factores indique a relação entre os factores e variáveis individuais, raramente resulta em factores que podem ser interpretados, porque os factores são correlacionados com muitas variáveis. Logo, utiliza-se a rotação para transformar a matriz de factores numa matriz mais fácil e simples de interpretar. Segundo Malhotra (2004), o método de rotação mais usado é o processo varimax, que resulta em factores ortogonais. Mas, se os factores são altamente correlacionados na população, pode-se utilizar a rotação oblíqua. A matriz rotada de factores constitui a base para a interpretação dos factores. Podem-se, para cada entrevistado, calcular scores factoriais.

## 5.5 Síntese

A Metodologia de Investigação a adoptar foi o estudo caso. Não existe manipulação das condições, mas sim a descrição de fenómenos da população visada. Utilizou-se o questionário na recolha de dados, constituído por perguntas abertas e fechadas.

Como forma de tratar os dados, elege-se a análise factorial que é um conjunto de técnicas estatísticas que procura explicar a correlação entre as variáveis observáveis, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever (Pestana e Gageiro, 2005).

De acordo com os dados, a população é constituída por 185 alunos e a amostra por 149, que constitui 81% da população em estudo.

## 6. Análise descritiva dos dados

### 6.1 Introdução

No decurso deste capítulo descreve-se os resultados obtidos com os questionários recebidos. Neste seguimento, efectua-se uma análise descritiva relativamente às diversas respostas patentes nos questionários recepcionados. Note-se que se tratará apenas de uma análise estatística descritiva, visando apenas efectuar uma primeira distinção, relativamente às diversas respostas obtidas.

Os questionários foram preenchidos pelos alunos que têm acesso a formação de empreendedorismo, tendo sido o número total de questionários recepcionados de 149, tendo-se obtido uma taxa de resposta de 81%.

### 6.2 Descrição da amostra

Efectuou-se o envio de 185 questionários para os alunos dos diversos cursos da escola superior de gestão de Tomar, que frequentaram a disciplina de empreendedorismo.

Do número total de 149 questionários recebidos, 54 foram provenientes do curso de OGE, 46 foram provenientes do curso de GRHCO, 24 foram provenientes do curso de GASS e os restantes 25 dos restantes cursos respectivamente (4 de AF, 6 de GAB, 6 do MGEFE e 9 do MGRS). Relativamente ao género verifica-se que 58,4% dos questionários foram respondidos pelo género feminino e 41,6% pelo masculino (Tabela 14).

**Tabela 14- Género representativo da amostra**

	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	Gênero	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	Σf
Feminino	19	12,8%	3	2%	3	2%	27	18,1%	28	18,8%	1	0,6%	6	4%	87	58,4%
Masculino	5	3,4%	1	0,6%	3	2%	27	18,1%	18	12,1.%	5	3,4%	3	2%	62	41,6%
Total	24	16,2%	4	2,6%	6	4%	54	36,2%	46	30,9%	6	4%	9	6%	149	100%

Fonte: Elaboração própria

Relativamente à idade verifica-se, através da Tabela 15, que a maioria dos respondentes têm idades compreendidas entre os 20-25 anos independentemente do curso que frequentam, 31 provenientes do curso de OGE, 26 provenientes do curso de GRHCO, e 12 provenientes do curso de GASS. Relativamente à classe de idades 31-40 anos, surgem

10 provenientes do curso de GRHCO. Tendo em conta que o número total de alunos que preencheu o questionário de MGRS foi 9, é relevante verificar que 3 são provenientes da classe 41-60 anos.

**Tabela 15- Idade representativa da amostra**

		Curso que frequentou															
		GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
Idade		F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
A	20-25	12	8,1%	2	1,4%	4	2,7%	31	21,2%	26	17,7%	0	0%	4	2,7%	79	53,8%
N	26-30	5	3,4%	2	1,4%	1	0,7%	9	6,1%	4	2,7%	4	2,7%	2	1,4%	27	18,3%
O	31-40	5	3,4%	0	0%	1	0,7%	7	4,7%	10	6,8%	1	0,7%	0	0%	24	16,3%
S	41-60	2	1,4%	0	0%	0	0%	7	4,7%	4	2,7%	1	0,7%	3	2%	17	11,6%
<b>Total</b>		24	16,3%	4	2,8%	6	4,1%	54	36,7%	44	29,9%	6	4,1%	9	6,1%	147	100%

Fonte: Elaboração própria

Das respostas à questão 3, sobre se algum familiar próximo tem um negócio/empresa constata-se na tabela 16 que a maioria dos respondentes não tem nenhum familiar com negócio próprio (58,3%).

**Tabela 16- Familiar com negócio/empresa próprio**

		Curso que frequentou															
		GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
Familiar c/ neg. próprio		F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Sim		4	3,1%	1	0,8%	6	4,7%	28	22%	10	7,9%	1	0,8%	3	2,4%	53	41,7%
Não		13	10,2%	2	1,6%	0	0%	24	18,9%	26	20,5%	5	3,9%	4	3,1%	74	58,3%
<b>Total</b>		17	13,3%	3	2,4%	6	4,7%	52	40,9%	36	28,4%	6	4,7%	7	5,5%	127	100%

Fonte: Elaboração própria

Das respostas à questão 4, qual a formação académica dos alunos que frequentam os cursos, verifica-se que a maioria, 104, apresenta estudos primários/secundários, sendo que 20 apresenta o grau de Licenciatura (Tabela 17).

**Tabela 17- O grau de formação académica que possui**

Formação Académica	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Estudos Prim./Sec.	19	12,8%	3	2%	5	3,3%	39	26,2%	38	25,5%	0	0%	0	0%	104	69,8%
Estudos Técn./Prof.	2	1,3%	1	0,7%	1	0,7%	7	4,7%	4	2,7%	0	0%	0	0%	15	10,1%
Bacharelato	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,7%	1	0,7%	0	0%	0	0%	2	1,3%
Licenciatura	2	1,3%	0	0%	0	0%	2	1,3%	1	0,7%	6	4%	9	6%	20	13,4%
Cursos Esp. Técnol.	1	0,7%	0	0%	0	0%	5	3,3%	2	1,3%	0	0%	0	0%	8	5,4%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16,1%</b>	<b>4</b>	<b>2,7%</b>	<b>6</b>	<b>4%</b>	<b>54</b>	<b>36,2%</b>	<b>46</b>	<b>30,9%</b>	<b>6</b>	<b>4%</b>	<b>9</b>	<b>6%</b>	<b>149</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

A questão 7 apresenta-se subdividida em várias alíneas sendo que, relativamente à questão 7.1, experiência na criação de novas empresas, verifica-se que 87,8% dos alunos não tem experiência na criação de novas empresas (Tabela 18).

**Tabela 18- Qual a experiência anterior na criação de empresas**

Exp. na criação de novas emp.	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Sim	3	2%	0	0%	1	0,7%	7	4,8%	5	3,4%	1	0,7%	1	0,7%	18	12,2%
Não	21	14,3%	4	2,7%	5	3,4%	47	32%	39	26,5%	5	3,4%	8	5,4%	129	87,8%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16,3%</b>	<b>4</b>	<b>2,7%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>54</b>	<b>36,8%</b>	<b>44</b>	<b>29,9%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>9</b>	<b>6,1%</b>	<b>147</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

À questão 7.2, relativamente à experiência no sector de actividade, verifica-se que 87,8% dos respondentes, não têm experiência no sector de actividade (Tabela 19).

**Tabela 19- Qual a experiência anterior no sector de actividade**

Exp. no sector Act.	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Sim	1	0,7%	0	0%	1	0,7%	9	6,1%	5	3,4%	1	0,7%	1	0,7%	18	12,2%
Não	23	15,6%	4	2,7%	5	3,4%	45	30,7%	39	26,5%	5	3,4%	8	5,4%	129	87,8%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16,3%</b>	<b>4</b>	<b>2,7%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>54</b>	<b>36,8%</b>	<b>44</b>	<b>29,9%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>9</b>	<b>6,1%</b>	<b>147</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

À questão 7.3, se já desempenhou funções de direcção, 87,1% dos respondentes assumiu que não desempenhou funções de direcção (Tabela 20).

**Tabela 20- Desempenhou anteriormente funções de gestão**

Funções de Direcção	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Sim	2	1,4%	0	0%	0	0%	7	4,8%	6	4%	1	0,7%	3	2%	19	12,9%
Não	22	14,9%	4	2,7%	6	4,1%	47	32%	38	25,9%	5	3,4%	6	4,1%	128	87,1%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16,3%</b>	<b>4</b>	<b>2,7%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>54</b>	<b>36,8%</b>	<b>44</b>	<b>29,9%</b>	<b>6</b>	<b>4,1%</b>	<b>9</b>	<b>6,1%</b>	<b>147</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

Constatou-se através da questão 7 que a maioria dos respondentes não têm experiência na criação de empresas, nem no sector de actividade, nem desempenhou funções de direcção.

Através da questão 8, se já tentou iniciar um novo negócio e manifestou intenção de ser proprietário de parte ou totalidade do mesmo, a maioria dos respondentes 70% referiu que sim (tabela 21).

**Tabela 21- Iniciativa empresarial**

Iniciar negócio	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Sim	2	20%	0	0%	1	10%	2	20%	1	10%	0	0%	1	10%	7	70%
Não	0	0%	0	0%	0	0%	1	10%	2	20%	0	0%	0	0%	3	30%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>20%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>10%</b>	<b>3</b>	<b>30%</b>	<b>3</b>	<b>30%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>10%</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

Relativamente ao tempo, há quanto tempo efectuaram a realização desse negócio ou essa intenção, a maioria respondeu há mais de 24 meses (tabela 22).

**Tabela 22- Iniciou um novo negócio**

Há quanto tempo	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Até 12 meses	2	20%	0	0%	0	0%	1	10%	0	0%	0	0%	0	0%	3	30%
Mais de 24 meses	0	0%	0	0%	1	10%	2	20%	1	10%	0	0%	1	10%	5	50%
Não Respondeu	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	20%	0	0%	0	0%	2	20%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>20%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>10%</b>	<b>3</b>	<b>30%</b>	<b>3</b>	<b>30%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>10%</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

A questão 9 demandava o sector de actividade onde se inseria a iniciativa empresarial, tendo sido a maioria das respostas no sector dos serviços (tabela23).

**Tabela 23- Sector de Actividade**

Sectores	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Energia.	0	0%	0	0%	1	3,7%	1	3,7%	0	0%	0	0%	0	0%	2	7,4%
Industria	0	0%	0	0%	2	7,4%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	7,4%
Comercio	0	0%	0	0%	2	7,4%	2	7,4%	0	0%	0	0%	0	0%	4	14,8%
Serviços	3	11,1%	1	3,7%	4	14,8%	3	11,1%	1	3,7%	0	0%	1	3,7%	12	44,4%
Outro	3	11,1%	0	0%	2	7,4%	2	7,4%	0	0%	0	0%	0	0%	7	26%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>22,2%</b>	<b>1</b>	<b>3,7%</b>	<b>11</b>	<b>40,7%</b>	<b>8</b>	<b>29,6%</b>	<b>1</b>	<b>3,7%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>3,7%</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

### 6.3 Formas de Actividades Empreendedoras

A questão 10 serve de suporte a um dos objectivos da dissertação que será o de identificar as melhores formas para a escola fomentar actividades empreendedoras, estando essas presentes na tabela 24. Constatou-se que, das diversas opções de respostas conferidas no questionário, as mais referenciadas são, as parcerias com entidades do mundo empresarial, os cursos de empreendedorismo (propostas de ideias de negócios, elaboração de planos de negócios, entre outros) e os concursos (ideias de negócios, planos de negócios, entre outros). Mas como se repartem estas respostas, entre os inquiridos oriundos dos diferentes cursos? Os respondentes oriundos do curso de GASS referem, como as melhores, as seguintes formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: as parcerias com entidades do mundo empresarial (14 respostas) e disciplinas integradas (14 respostas) (tabela24).

**Tabela 24- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	GASS											
	Concordo Totalmente		Concordo		Não Conc. Nem Disc.		Discordo		Discordo Totalmente		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Conferências e Seminários	12	52,2%	9	39,1%	1	4,3%	1	4,3%	0	0%	23	100%
Publicação de Artigos	10	43,5%	9	39,1%	2	8,7%	2	8,7%	0	0%	23	100%
Publicação de Mat. Pedagógico	10	43,5%	9	39,1%	3	13%	1	4,3%	0	0%	23	100%
Disciplinas Integradas	14	60,9%	5	21,7%	4	17,4%	0	0%	0	0%	23	100%
Cursos de Empreendedorismo	10	43,5%	12	52,2%	1	4,3%	0	0%	0	0%	23	100%
Concursos	8	34,8%	11	47,8%	4	17,4%	0	0%	0	0%	23	100%
Parcerias	14	60,9%	8	34,8%	1	4,3%	0	0%	0	0%	23	100%
Mestrados	6	26,1%	14	60,9%	2	8,7%	0	0%	1	4,3%	23	100%

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes provenientes do curso AF referem, como as melhores, as seguintes formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: os concursos (ideias de negócios, planos de negócios, entre outros) e as parcerias com entidades do mundo empresarial (2 respostas) (tabela25).

**Tabela 25- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	AF											
	Concordo Totalmente		Concordo		Não Conc. Nem Disc.		Discordo		Discordo Totalmente		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Conferências e Seminários	0	0%	3	75%	0	0%	1	25%	0	0%	4	100%
Publicação de Artigos	0	0%	4	100%	0	0%	0	0%	0	0%	4	100%
Publicação de Mat. Pedagógico	0	0%	4	100%	0	0%	0	0%	0	0%	4	100%
Disciplinas Integradas	1	25%	3	75%	0	0%	0	0%	0	0%	4	100%
Cursos de Empreendedorismo	1	25%	2	50%	1	25%	0	0%	0	0%	4	100%
Concursos	2	50%	1	25%	1	25%	0	0%	0	0%	4	100%
Parcerias	2	50%	2	50%	0	0%	0	0%	0	0%	4	100%
Mestrados	1	25%	1	25%	2	50%	0	0%	0	0%	4	100%

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes oriundos do curso GAB referem, como as melhores formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: os concursos (ideias de negócios, planos de negócios, entre outros) e as parcerias com entidades do mundo empresarial (2 respostas) (tabela 26).

**Tabela 26- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	GAB											
	Concordo				Não Conc.				Discordo			
	Totalmente		Concordo		Nem Disc.		Discordo		Totalmente		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Conferências e Seminários	1	20%	4	80%	0	0%	0	0%	0	0%	5	100%
Publicação de Artigos	0	0%	3	60%	2	40%	0	0%	0	0%	5	100%
Publicação de Mat. Pedagógico	0	0%	3	60%	2	40%	0	0%	0	0%	5	100%
Disciplinas Integradas	1	20%	2	40%	2	40%	0	0%	0	0%	5	100%
Cursos de Empreendedorismo	0	0%	5	100%	0	0%	0	0%	0	0%	5	100%
Concursos	2	40%	2	40%	1	20%	0	0%	0	0%	5	100%
Parcerias	2	40%	3	60%	0	0%	0	0%	0	0%	5	100%
Mestrados	0	0%	1	20%	3	60%	0	0%	1	20%	5	100%

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes provenientes do curso de OGE referem, como as melhores formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: as parcerias com entidades do mundo



empresarial (25 respostas), os cursos de empreendedorismo (propostas de ideias de negócios, elaboração de planos de negócios, entre outros) (17 respostas), e os concursos (ideias de negócios, planos de negócios, entre outros) e disciplinas integradas (16 respostas) (tabela 27).

**Tabela 27- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	OGE											
	Concordo Totalmente		Concordo		Não Conc. Nem Disc.		Discordo		Discordo Totalmente		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Conferências e Seminários	12	27,9%	26	60,5%	5	11,6%	0	0%	0	0%	43	100%
Publicação de Artigos	3	7%	28	65,1%	11	25,6%	1	2,3%	0	0%	43	100%
Publicação de Mat. Pedagógico	4	9,3%	24	55,8%	15	34,9%	0	0%	0	0%	43	100%
Disciplinas Integradas	16	37,2%	20	46,5%	7	16,3%	0	0%	0	0%	43	100%
Cursos de Empreendedorismo	17	39,5%	15	34,9%	10	23,3%	1	2,3%	0	0%	43	100%
Concursos	16	37,2%	19	44,2%	8	18,6%	0	0%	0	0%	43	100%
Parcerias	25	58,1%	14	32,6%	4	9,3%	0	0%	0	0%	43	100%
Mestrados	6	14%	19	44,2%	17	39,5%	1	2,3%	0	0%	43	100%

Fonte: Elaboração própria

Constata-se que, das diversas opções de respostas conferidas no questionário para o curso de GRHCO, as mais utilizadas são, por ordem decrescente, parcerias (18 respostas), cursos de empreendedorismo (14 respostas), as disciplinas integradas nos planos de licenciatura (10 respostas), as conferências e seminários (10 respostas) e concursos (10 respostas) (tabela28).

**Tabela 28- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	GRHCO											
	Concordo				Não Conc.		Discordo				TOTAL	
	Totalmente		Concordo		Nem Disc.		Discordo		Totalmente			
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Conferências e Seminários	10	26,3%	25	65,8%	1	2,6%	2	5,3%	0	0%	38	100%
Publicação de Artigos	6	15,8%	25	65,8%	4	10,5%	3	7,9%	0	0%	38	100%
Publicação de Mat. Pedagógico	4	10,5%	25	65,8%	9	23,7%	0	0%	0	0%	38	100%
Disciplinas Integradas	10	26,3%	22	57,9%	6	15,8%	0	0%	0	0%	38	100%
Cursos de Empreendedorismo	14	36,8%	21	55,2%	3	7,9%	0	0%	0	0%	38	100%
Concursos	10	26,3%	23	60,5%	4	10,5%	1	2,6%	0	0%	38	100%
Parcerias	18	47,4%	16	42,1%	4	10,5%	0	0%	0	0%	38	100%
Mestrados	6	15,8%	20	52,6%	9	23,7%	3	7,9%	0	0%	38	100%

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes provenientes do curso de MGEFE referem, como as melhores formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: as parcerias com entidades do mundo empresarial (6 respostas), as disciplinas integradas (5 respostas) os cursos de

empreendedorismo (propostas de ideias de negócios, elaboração de planos de negócios, entre outros) (3 respostas) e os concursos (ideias de negócios, planos de negócios, entre outros) (3 respostas) (tabela 29).

**Tabela 29- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	MGEFE									
	Concordo Totalmente		Concordo		Não Conc. Nem Disc.		Discordo		Discordo Totalmente	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f
Conferências e Seminários	1	16,7%	5	83,3%	0	0%	0	0%	0	0%
Publicação de Artigos	2	33,3%	2	33,3%	1	16,7%	1	16,7%	0	0%
Publicação de Mat. Pedagógico	2	33,3%	3	50%	0	0%	1	16,7%	0	0%
Disciplinas Integradas	5	83,3%	0	0%	1	16,7%	0	0%	0	0%
Cursos de Empreendedorismo	3	50%	3	50%	0	0%	0	0%	0	0%
Concursos	3	50%	3	50%	0	0%	0	0%	0	0%
Parcerias	6	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Mestrados	2	33,3%	4	66,7%	0	0%	0	0%	0	0%
									<b>ΣF</b>	<b>Σf</b>

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes provenientes do curso de MGRS referem, como as melhores formas para a escola fomentar actividades empreendedoras: disciplinas integradas (3 respostas), os cursos de empreendedorismo, os concursos, conferências e seminários, publicações de artigos, publicações de material pedagógico e mestrados (2 respostas) (tabela 30).

**Tabela 30- Factores para fomentar actividades empreendedoras**

Factores	MGRS									
	Concordo Totalmente		Concordo		Não Conc. Nem Disc.		Discordo		Discordo Totalmente	
	F	f	F	f	F	f	F	f	F	f
Conferências e Seminários	2	25%	4	50%	2	25%	0	0%	0	0%
Publicação de Artigos	2	25%	4	50%	1	12,5%	1	12,5%	0	0%
Publicação de Mat. Pedagógico	2	25%	5	62,5%	0	0%	1	12,5%	0	0%
Disciplinas Integradas	3	37,5%	4	50%	1	12,5%	0	0%	0	0%
Cursos de Empreendedorismo	2	25%	5	62,5%	1	12,5%	0	0%	0	0%
Concursos	2	25%	3	37,5%	3	37,5%	0	0%	0	0%
Parcerias	1	12,5%	6	75%	1	12,5%	0	0%	0	0%
Mestrados	2	25%	3	37,5%	3	37,5%	0	0%	0	0%
									<b>ΣF</b>	<b>Σf</b>

Fonte: Elaboração própria

## 6.4 Modalidades de Formação

Neste seguimento, uma das questões colocadas foi a questão 11, tendo sido solicitado que o inquirido identificasse a modalidade de formação, e apenas uma, que lhe

parecesse a mais atractiva para o futuro da sua escola, tendo sido os resultados os descritos na tabela 31.

**Tabela 31- A modalidade de formação mais atractiva para o futuro da escola, visando o desenvolvimento da ideia, o plano de negócios e a decisão final**

Modalidades de Formação	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	F	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Cursos de Mestrado	7	4,8%	0	0%	1	0,7%	13	9%	12	8,3%	2	1,4%	2	1,4%	37	25,7%
Cursos de curta duração	7	4,8%	2	1,4%	4	2,8%	11	7,6%	12	8,3%	0	0%	4	2,8%	40	27,8%
Cursos de Pós-Graduação e Especialização	9	6,3%	2	1,4%	1	0,7%	27	18,8%	22	15,3%	4	2,8%	2	1,4%	67	45,5%
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>15,9%</b>	<b>4</b>	<b>2,8%</b>	<b>6</b>	<b>4,2%</b>	<b>51</b>	<b>35,4%</b>	<b>46</b>	<b>31,9%</b>	<b>6</b>	<b>4,2%</b>	<b>8</b>	<b>5,6%</b>	<b>144</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

Pode-se constatar que as modalidades de formação, entendidas como as mais atractivas para o futuro da escola serão, os cursos de pós-graduação e cursos de especialização, com 45,5% dos inquiridos a seleccionarem os mesmos. Note-se que no total, as respostas se confundiam entre os cursos de curta duração (27,8%) e os cursos de mestrado (25,7%).

No que concerne à duração que a modalidade de formação entendida como a mais atractiva para o futuro da escola, visando apoiar a criação de empresas, coloca-se a questão 12 do questionário, as respostas conferidas pelos inquiridos encontram-se descritas na tabela 32.

**Tabela 32- A modalidade de formação mais atractiva para o futuro da escola, visando apoiar a criação de empresas**

Mod. Formação para Criação de Empresas		Curso que frequentou															
		GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
		F	f	F	f	F	f	F	F	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
CURSOS	Até 24 horas	1	0,7%	1	0,7%	1	0,7%	9	6,4%	9	6,4%	0	0%	0	0%	21	14,8%
	Entre 25 e 75 horas	5	3,5%	1	0,7%	3	2,1%	10	7%	10	7%	0	0%	3	2,1%	32	22,5%
	Superiores a 75 horas	18	12,7%	2	1,4%	2	1,4%	30	21,1%	26	18,3%	6	4,2%	5	3,5%	89	62,7%
Total		24	16,9%	4	2,8%	6	4,2%	49	34,5%	45	31,7%	6	4,2%	8	5,6%	142	100%

Fonte: Elaboração própria

Os respondentes, no geral, entendem que a formação deve possuir uma duração superior a 75 horas (62,7%). Conclui-se que, tal resposta foi considerada como aquela que possui a duração ideal por parte dos respondentes, na medida em que quanto maior for o período da formação, maior e melhor será a quantidade de conhecimento transferido, tendo sido seleccionada, neste seguimento, uma formação com um período de duração superior a 75 horas (tabela 32).

Relativamente ao local da formação escolhida para realizar a formação específica, visando apoiar a criação de empresas, questão 13, as respostas conferidas pelos inquiridos encontram-se descritas na tabela 33.

**Tabela 33- O local da formação escolhida para realizar a formação específica**

Local de Formação	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	F	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Zona da escola	10	6,9%	3	2,1%	4	2,8%	28	19,4%	24	16,6%	3	2,1%	4	2,8%	76	52,8%
Zona da residência	12	8,3%	1	0,7%	2	1,4%	17	11,8%	20	13,9%	3	2,1%	4	2,8%	59	40,9%
Noutro local	2	1,4%	0	0%	0	0%	4	2,8%	2	1,4%	0	0%	1	0,7%	9	6,3%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16,6%</b>	<b>4</b>	<b>2,8%</b>	<b>6</b>	<b>4,2%</b>	<b>49</b>	<b>34%</b>	<b>46</b>	<b>31,9%</b>	<b>6</b>	<b>4,2%</b>	<b>9</b>	<b>6,3%</b>	<b>144</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

Constata-se que o melhor local para ministrar a formação específica, visando apoiar a criação de empresas, será a zona da escola onde pertencem ou pertenceram os respondentes (52,8%). Tal resposta seria previsível, na medida em que o mesmo local, é considerado como um repositório de conhecimento, pelos inquiridos, e nesse mesmo seguimento, o melhor local para efectuar a transferência desse mesmo conhecimento.

**Tabela 34- Interesse na formação de empreendedorismo**

Form. antes do Ensino Superior	Curso que frequentou															
	GASS		AF		GAB		OGE		GRHCO		MGEFE		MGRS		TOTAL	
	F	f	F	f	F	f	F	F	F	f	F	f	F	f	ΣF	Σf
Ensino Secundário 5º a 9º ano	1	0,7%	0	0%	0	0%	1	0,7%	2	1,4%	0	0%	1	0,7%	5	3,6%
Ensino Secundário 10º a 12º ano	20	14,4%	4	2,9%	5	3,6%	49	35,3%	42	30,2%	6	4,3%	8	5,8%	134	96,4%
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>15,1%</b>	<b>4</b>	<b>2,9%</b>	<b>5</b>	<b>3,6%</b>	<b>50</b>	<b>36%</b>	<b>44</b>	<b>31,6%</b>	<b>6</b>	<b>4,3%</b>	<b>9</b>	<b>6,5%</b>	<b>139</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria

A questão 14, questiona em que medida o respondente tinha interesse na formação em empreendedorismo antes do ensino superior, e em que altura, em termos de ensino (tabela 34). Constatou-se que a maioria dos respondentes (134 respostas) considera que deve ser antes do Ensino Secundário 10º a 12º ano.

## 6.5 Síntese

Pode-se resumir que a maioria dos respondentes é do género feminino, e apresentam idades compreendidas entre 20-25 anos, independentemente do curso que frequentam. Os inquiridos têm ainda como característica comum, na sua maioria, os estudos primários/secundários.

Outra constatação que se pode retirar, tendo por base as respostas dadas, é a de que a maioria não tem nenhum familiar com negócio próprio. Relativamente à criação de empresas verifica-se que os respondentes, independentemente do curso a que pertencem/pertenceram na sua grande maioria, não possuem experiências anteriores nem na criação de empresas, nem no sector de actividade onde desenvolvem a iniciativa empresarial e nem desempenharam funções de gestão anteriormente. Ainda pode-se observar que os respondentes surgem em iniciativas empresariais, optando por iniciativas empresariais inseridas no sector dos serviços, não existindo discrepâncias entre os respondentes oriundos dos diferentes cursos.

As modalidades de formação e as formas de actividades empreendedoras permitem atingir um outro objectivo da investigação, sendo este o da identificação da atitude empreendedora, nos alunos que frequentam cursos com disciplinas de empreendedorismo. Desta forma, pelos resultados obtidos permitiu:

(1) Identificar a configuração da oferta formativa mais atractiva para as instituições de ensino: Os respondentes assumem os cursos de pós-graduação e cursos de especialização. Os inquiridos ainda afirmam que a formação deve possuir uma duração superior a 75 horas. Conclui-se que, tal resposta foi considerada como aquela que possui a duração ideal por parte dos respondentes, na medida em que quanto maior for o período da formação, maior e melhor será a quantidade de conhecimento transferido, tendo sido seleccionada, neste seguimento, uma formação com um período de duração superior a 75 horas. Quanto ao melhor local para ministrar a formação específica, visando apoiar a

criação de empresas, será a zona da escola onde pertencem ou pertenceram os respondentes;

(2) Identificar as formas e actividades que potenciam o nascimento de empreendedores nascentes: os inquiridos assumem que as formas de actividades empreendedoras utilizadas pelas escolas, de forma crescente de importância, apostam mais em conferências e seminários, cursos de empreendedorismo, publicação de artigos de divulgação e parcerias, contudo, os resultados são diversos conforme os cursos.

## 7. Análise factorial dos dados

### 7.1 Introdução

No decurso deste capítulo ir-se-á analisar, em termos de análise factorial, os resultados obtidos com os questionários recebidos, tendo os mesmos sido preenchidos pelos empreendedores nascentes, oriundos dos diferentes cursos que têm disciplinas de empreendedorismo. Porém, é de realçar que o objectivo não será o de efectuar uma análise factorial a todas as questões presentes no questionário, pois nem todas permitem retirar conclusões válidas, mas sim atingir os objectivos da investigação.

Nesta sequência ir-se-á identificar qual a percepção dos respondentes relativamente à atitude das instituições na criação de oportunidades de formação de empreendedorismo.

### 7.2 Análise factorial das melhores opções para fomentar actividades empreendedoras

Um dos objectivos primordiais da presente investigação consiste em analisar se as instituições de ensino privilegiavam formas de promover actividades empreendedoras.

Foram identificados dois factores explicativos de 55,37% do total da variância, mostrando a tabela 35 os componentes principais na matriz factorial após rotação.

**Tabela 35 – Factores para fomentar actividades empreendedoras**

VARIÁVEL	COMUNALIDADE	FACTOR	VALOR PRÓPRIO	% VAR.	% VAR. AC.
Conferências e seminários	0,263	1	3,189	39,868	39,868
Publicação de Artigos de divulgação	0,733	2	1,240	15,500	55,368
Publicação de material pedagógico	0,691				
Disciplinas integradas	0,529				
Cursos de empreendedorismo	0,459				
Concursos	0,688				
Parcerias	0,676				
Mestrados	0,390				

Medida da adequabilidade da amostra Kaiser – Meyer – Olkin KMO = 0,800

Teste da esfericidade de Bartlett = 631,879, nível de significância  $\alpha = 0$

Neste seguimento foram identificados dois factores, em que as variáveis se agruparam da seguinte forma, descrita na tabela 36.

**Tabela 36 – Factores para fomentar actividades empreendedoras. Análise factorial das variáveis**

VARIÁVEL	FACTOR 1	FACTOR 2
Disciplinas integradas	0,671	
Cursos de empreendedorismo	0,599	
Concursos	0,828	
Parcerias	0,822	
Mestrados	0,524	
Conferências e Seminários		0,511
Publicações de artigos de divulgação		0,835
Publicações Material pedagógico		0,768

Procedimento rotativo: varimax

A interpretação dos resultados mostra que existem dois factores principais na referência das melhores formas para fomentar actividades empreendedoras, referidas pelos respondentes.

Cooperação e desenvolvimento (factor 1) – um dos factores principais na referência das melhores formas para estimular a criação de empreendedores nascentes encontra-se relacionado com as formas de cooperação com outras organizações, em que estas formas pretendem fomentar actividades empreendedoras através de formações, com e sem grau, e consultoria, dirigidas para necessidades específicas dos empreendedores nascentes. As variáveis que compõem este factor são: as parcerias com instituições de ensino superior reconhecidas com capacidade inovadora, os cursos de pós-graduação sem grau, os mestrados e as parcerias.

Investigação científica (factor 2) – outro factor principal na referência das melhores formas para estimular a criação de empreendedores nascentes é resultante da investigação científica e consequente publicação de artigos científicos, constituindo as variáveis que compõem este factor uma forma de fomentar actividades empreendedoras. As variáveis que compõem este factor são: as conferências e seminários, a publicação de artigos de divulgação e a publicação de material pedagógico.

O que se pode concluir sobre as melhores formas para as instituições fomentarem actividades empreendedoras é que a cooperação e desenvolvimento, que englobam diversas formas de cooperação com outras organizações, são entendidos como a melhor forma, pois irão satisfazer as necessidades específicas dos empreendedores nascentes e serão uma óptima forma de incentivarem actividades empreendedoras.



### 7.3 Síntese

Podemos entender, a análise factorial, como um conjunto de processos utilizados para reduzir e resumir dados. Cada variável expressa-se como uma combinação linear dos factores subjacentes. De igual forma, os próprios factores podem ser expressos como combinações lineares das variáveis observadas. São extraídos, os factores, de tal forma que o primeiro factor responda pela mais alta variância nos dados, o segundo factor responda pela segunda variância mais alta e assim sucessivamente.

Pode-se concluir que se alcançou um objectivo da presente investigação, que visava identificar os factores presentes nas Instituições de Ensino que fomentam actividades empreendedoras, onde se pode concluir que a cooperação e desenvolvimento, que englobam diversas formas de cooperação com outras organizações e consultoria, são entendidas como a melhor forma. Os respondentes consideraram a investigação científica como uma melhor forma de fomentar actividades empreendedoras do que as formações, situação que, provavelmente, se prenderá com as exigências do mercado para garantir a criação e o desenvolvimento dos novos negócios, por parte dos empreendedores nascentes.



## **8. Conclusões, limitações e sugestões para futuras investigações**

Neste último capítulo apresentam-se as principais conclusões obtidas na investigação realizada, evidenciando as limitações que foram encontradas, o resumo das principais conclusões, bem como dos resultados obtidos na investigação empírica realizada. Por fim, serão dadas a conhecer algumas limitações deste trabalho e apresentadas sugestões para investigações futuras sobre o tema, decorrentes do desenvolvimento dos resultados e do processo de investigação.

### **8.1 Principais conclusões**

Para tracejar os principais resultados do trabalho de investigação desenvolvido, tomaram-se como pontos de referência o objectivo principal da investigação e o modelo teórico proposto. Sobre eles se baseou o trabalho de análise e os resultados devem ser considerados atendendo aos fins que se visavam atingir. Um ponto de referência para o desenvolvimento das conclusões é o conhecimento dos factores que influenciam o aparecimento dos empreendedores nascentes. O outro ponto de referência, que traduz o objectivo visado e que contribui para o atingir, diz respeito ao modelo conceptual proposto.

A formulação do modelo conceptual teve por base a revisão teórica da literatura, na qual se constatou que o aparecimento dos empreendedores nascentes é influenciado por um vasto e complexo número de factores. As características dos empreendedores nascentes são representadas por variáveis relacionadas com as características que influenciam o surgimento de empreendedores nascentes, entre elas nível de formação, a idade, o género, as experiências anteriores e os antecedentes familiares. O modelo conceptual apresentado propõe que as características dos estudantes influenciam o aparecimento de empreendedores nascentes.

Após a investigação desenvolvida, a primeira grande conclusão a referir é que o tema objecto de estudo apresenta uma série de especialidades que tornam a sua análise pertinente e necessária. O estudo dos factores influenciadores para o surgimento de empreendedores nascentes, revela-se importante para a maioria das sociedades e das economias, mas sobre o qual ainda existe muito por descobrir. Para o desenvolvimento de medidas, que permitam avançar com acções concretas relativamente à criação de empresas.

Devido à componente dinâmica do referido processo, o estudo dos factores que o influenciam será um trabalho que nunca se pode considerar terminado, deve ser flexível e manter-se amplo, tendo em consideração que outros factores podem ser incluídos e outras metodologias podem ser utilizadas, mas este é precisamente o sentido da investigação que possibilita o avanço do conhecimento científico.

Esta investigação procurou analisar em profundidade os factores influenciadores para o surgimento de empreendedores nascentes e tentaram obter-se evidências que respondam a essa questão. A revisão da literatura demonstrou tratar-se de um trabalho extenso e complexo devido à heterogeneidade da sua origem, aos distintos enfoques utilizados nos estudos. Apesar destas especificidades procurou-se sistematizar as diferentes perspectivas. Mais do que perspectivas contraditórias, essas abordagens foram vistas como complementares do estudo dos factores que influenciam o processo de criação dos empreendedores nascentes.

Os principais resultados atingidos, tendo em consideração os objectivos da investigação, são de seguida apresentados:

- i.* Quais as características gerais dos empreendedores? Identificar as discrepâncias de género e de idade, bem como as características gerais dos diferentes empreendedores, oriundos de diversas áreas científicas.
- ii.* Qual os factores que fomentam actividades empreendedoras? A forma como as instituições encaram o tema da criação de empresas, o que sabem e quais as atitudes e as práticas face ao mesmo.

Ao longo do sexto capítulo descreveu-se e analisou-se o contributo de cada um dos factores do modelo para impulsionar ou dificultar a criação de empreendedores nascentes. O objectivo desta análise não era simplesmente explorar, conhecer e descrever, mas pretendia-se, fundamentalmente, testar empiricamente as hipóteses formuladas, de acordo com os resultados obtidos, alcançando desta forma os objectivos considerados anteriormente e adquirindo novos conhecimentos.

Atendendo à complexidade do fenómeno em estudo, explicado por múltiplos factores, tornou-se necessário o tratamento estatístico dos dados. Perante a necessidade de analisar as relações que os factores exercem sobre si, e considerando os factores que fomentam actividades empreendedoras, recorreu-se à análise factorial. Esta técnica estatística multivariada permite a redução e a sumarização dos dados.

Os principais resultados atingidos, por meio da análise descritiva, tiveram em consideração os objectivos da investigação, anteriormente mencionados.

Considerando o objectivo que visava identificar as características gerais dos empreendedores, pode concluir-se que, independentemente do curso superior, que frequentam, maioritariamente, têm o grau académico de primários/secundários. Outra característica dos empreendedores, independentemente do curso a que pertencem/pertenceram, é o não possuir experiências anteriores quer na criação de empresas, quer no sector de actividade onde desenvolvem a iniciativa empresarial e nem anteriormente desempenharam funções de gestão. Outra constatação, alvo da investigação sobre os aspectos gerais dos empreendedores é que os mesmos, consideram que a formação deveria ser inserida gratuitamente na formação escolar. Os empreendedores são na maioria do género feminino, apresentando como faixa etária maioritária entre os 20 e os 25 anos. Outra constatação aferida, com base nas respostas obtidas é a de que os empreendedores não possuem familiares com negócios/empresa próprio.

Para alcançar o objectivo de identificar os factores que o Instituto Politécnico de Tomar poderá fomentar para o despertar de empreendedores nascentes:

- (1) Os empreendedores de um modo geral assumem os cursos de pós-graduação e cursos de especialização como as melhores modalidades de formação. Os inquiridos afirmam que a formação deve possuir uma duração superior a 75 horas. Quanto ao melhor local para ministrar a formação específica, será a zona da escola onde pertencem ou pertenceram os respondentes;
- (2) Identificar as formas e actividades que potenciam o aparecimento de empreendedores nascentes: os inquiridos assumem que as formas de actividades empreendedoras utilizadas pelo Instituto Politécnico de Tomar, de forma crescente de importância, apostam mais em conferências e seminários, cursos de empreendedorismo, publicação de artigos de divulgação e parcerias, contudo, os resultados são diversos conforme os cursos.

Os principais resultados atingidos, por meio da análise factorial, tiveram em consideração os objectivos da investigação anteriormente mencionados, pelo que os factores presentes no Instituto Politécnico de Tomar que fomentam actividades empreendedoras, são a cooperação e desenvolvimento, que englobam diversas formas de cooperação com outras organizações e consultoria, são entendidas como a melhor forma.

Os respondentes consideraram a investigação científica como a melhor forma de fomentar actividades empreendedoras, comparativamente com as formações.

Desta forma, pode-se considerar o Instituto Politécnico de Tomar, uma Instituição que apoia o despertar dos empreendedores nascentes, uma vez que, apresenta uma série de factores potenciadores de actividades empreendedoras, tomando como exemplo, as várias parcerias com entidades do mundo empresarial que dispõe e a oferta de um leque variado ao nível da formação no que concerne ao nível das licenciaturas e dos mestrados.

## **8.2 Limitações da investigação**

Da análise cuidada dos anteriores resultados é possível detectar algumas limitações do estudo desenvolvido e, simultaneamente, sugerir pistas para trabalhos futuros de investigação.

De forma mais específica, como limitação da investigação desenvolvida, podemos referir que apenas foram objecto de estudo alunos da Escola Superior de Gestão de Tomar, na formação nas áreas de gestão e economia, e dentro das mesmas foi efectuada uma amostra para permitir a extracção de resultados. Desta forma, uma das limitações foi a utilização de uma amostra do universo, e tal situação se prendeu exclusivamente com a dimensão do universo que era muito amplo.

Outra limitação importante da investigação provém do próprio modelo teórico proposto. Tratando-se de um modelo limitado a determinadas características dos empreendedores nascentes, considera-se que a incorporação de novos factores e de novas variáveis melhoraria o trabalho realizado.

## **8.3 Sugestões para futuras investigações**

Reconhece-se que será de extrema relevância que novos trabalhos se centrem no estudo de todas as instituições que possam impulsionar a criação de empresas ou na análise de outras actividades que possam apoiar as empresas constituídas a tornarem-se mais competitivas e, inclusive a surgirem em mercados europeus e internacionais.

É ainda de todo o interesse, em novas oportunidades, trabalhar e estudar isoladamente diferentes formas de fomentar actividades empreendedoras, nas instituições de ensino público e nas instituições de ensino privado.

Apresentados que foram os principais resultados, algumas das suas limitações e propostas para estudos futuros, estabelece -se que os principais objectivos desta investigação foram atingidos, tendo-se favorecido o desenvolvimento de algumas condições para o aprofundamento do estudo do tema das características gerais dos empreendedores nascentes.





## Referências Bibliográficas

- Adeyemo, S.A. (2009): “Understanding and acquisition of entrepreneurial skills: A pedagogical re-orientation for classroom teacher in science education”, *Journal of Turkish Science Education*, Volume 6, nº 3, pp. 57-65.
- Ajzen, I. (1991). “The theory of planned behavior, Organizational Behavior and Human Decision Processes”, Volume 50, pp. 179-211.
- Amaral, A., & Magalhães, A. (2005): “Implementation of higher education policies: A portuguese Example”, in Gornitzka, Á., Kogan, M. & Amaral, A., *Reform and change in higher education: analyzing policy implementation*, Dordrecht: Springer, pp. 117-134.
- Baron, R., & Shane, S. (2008). “Entrepreneurship: A Process Perspective”. Second Edition. Mason: Thomson South-Western.
- Barreto, A. (1996). “A situação social em Portugal 1960-1995”. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Volume 1.
- Barreto, A. (2000). “A situação social em Portugal 1960-1999”. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Volume 2.
- Beaglehole, R., Bonita, R. & Kjellstrom, T. (2010). “Epidemiologia básica”. 2ª Edição. Brasil, Santos Editora.
- Bilau, J.J.D. (2007). “*Criação e Financiamento Inicial da Empresa Inovadora: uma abordagem baseada na teoria do capital humano*”, Tese de Doutoramento em Gestão, Instituto Superior de Economia e Gestão - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Bruyat, C. & Julien, P.A. (2000). “Defining the field of research in entrepreneurship”. *Journal of Business Venture*, Volume 16, pp. 165-180.
- Cabrito, B.G. (2004a). “O Financiamento do Ensino Superior em Portugal: entre o Estado e o Mercado”. *Educ. Soc.*, Volume 25, nº 88, pp. 977-996.
- Comissão Europeia. (2002). “*Educação e Formação na Europa: sistemas diferentes, objectivos comuns para 2010*”. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, Luxemburgo.
- Comissão Europeia (2004), “*Contribuir para a Criação de uma Cultura Empresarial. Um Guia de Boas Práticas para a Promoção de Atitudes e Competências Empresariais Através da Educação*”. Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Cohoon, J.M., Wadhwa, V. & Mitchell, L. (2010). “The Anatomy of an Entrepreneur”. California: Ewing Marion Kauffman Foundation.
- Cristóbal, R.P. (2006). “*La Creación de Empresas como Programa de Investigación Científica: implicaciones y retos para la universidad*”, Cátedra de Empreendedores y Nueva Economía, Universidad de Sevilla.
- Dantas, E. (2008). “Empreendedorismo e Intra-Empreendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão”. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/dantas-edmundo-empreendedorismo.pdf>, acedido a: 2/02/2013.
- Deakins, D., Glancey, K., Menter, I., & Wyper, J. (2005). “Enterprise Education: The role of head teachers”, *International Entrepreneurship and Management Journal*, Volume 1, nº 2, pp. 241-263.
- Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto. Diário da República nº188/73 I Série. Ministério da Educação Nacional.

- Dees, J.G. (2001). *The Meaning of Social Entrepreneurship*. Disponível em: [http://www.caseatduke.org/documents/dees\\_sedef.pdf](http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf), acedido a: 2/02/2013.
- Drucker, P.F. (1985). *"Innovation and Entrepreneurship"*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Drucker, P.F. (1985a). *"Innovation and Entrepreneurship"*, Heinemann, London, pp. 67-72.
- Drucker, P. (2002). "The Discipline of Innovation". In Harvard Business School. (Eds). *Harvard Business Review on The Innovative Enterprise*. Harvard: Harvard Business School Publishing Corporation. pp. 111-127.
- Drucker, P. (2003). *"Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios"*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Erkkila, K. (2000). *"Entrepreneurial Education: mapping the debates in the United States, the United Kingdom and Finland"*. New York: Garland Publishing Inc.
- Espíritu, R., & Sastre, M.A. (2007). *"La actitud emprendedora durante la vida académica de los estudiantes universitarios"*. Cuadernos de Estudios Empresariales, nº17, pp. 95-116.
- Fayolle, A., & Gailly, B. (2004). "Using the theory of planned behaviour to assess entrepreneurship teaching programs: a first experimentation". IntEnt2004 Conference, Nápoles.
- Fischer, E., Reuber, R., & Dyke, L. (2003). "A Theoretical Overview And Extension Of Research On Sex, Gender And Entrepreneurship". *Journal of Business Venturing*, Volume 8, nº2, pp. 151-168
- Fortin, M.F., Côte, J. & Vissandjée, B. (2000). "O processo de investigação: da concepção à realização". 2ª edição. Camarate: Lusociência.
- Fortin, M.F. (2009). "Fundamentos e etapas do processo de investigação". Loures : Lusodidacta.
- Gartner, W.B. (1985). "A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Capital", *Academy of Management Review*, Volume 10, nº4. pp. 696-706.
- Gartner, W.B. (1989). "Who is an entrepreneur? is the wrong question". *Entrepreneurship Theory and Practice*, Volume 13, nº 4, pp. 47-68.
- Gartner, W.B., & Carter, N. M. (2003). *"Entrepreneurial Behavior and Firm Organizing Processes"*, In: Acs, Zoltan J.; Audretsch, David B. (Eds). *Handbook of Entrepreneurship Research*, Kluwer Academic Publishers, pp. 195-221.
- GEM (2004). Projecto Global Entrepreneurship Monitor. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/> , acedido a 16/01/2013.
- Gil, A.C. (2008). "Métodos e técnicas de pesquisa social". 6ª Edição. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil.
- GPEARI (2012). Vagas e Inscritos. Disponível em: <http://www.estatisticas.gpearl.mctes.pt>, acedido em 15 de Março de 2012.
- GPEARI(2012). Diplomados. Disponível em: <http://www.estatisticas.gpearl.mctes.pt>, acedido em 15 de Março de 2012.
- Hébert, R.F. & Link, N.A. (1988). *"The Entrepreneur: Mainstream views and radical Critiques"*. 2nd Edition. New York: Praeger.
- Hill, M., & Hill, A. (2002). "Investigação por questionário". Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Hisrich, R.D. (1986). *"Entrepreneurship and Intrapreneurship Methods for Creating New Companies That Have an Impact on the Economic Renaissance of an Area"*, in *Entrepreneurship, Intrapreneurship, and Venture Capital*, ed. Robert D. Hisrich (Lexington, Mass.: Lexington Books, p. 73.

- Hoang, H., & Antoncic, B (2003). "Network-Based Research in Entrepreneurship: a critical review", *Journal of Business Venturing*, Volume 18, pp. 165-187.
- Katz, J. (2003). "The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education", *Journal of Business Venturing*, Volume 18, nº 2, pp. 283-300.
- Kirby, D., (2002). "Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge?". International Council for Small Business. The 47th World Conference, San Juan, June 16-19, p. 202.
- Kolvereid, L. (1996). "Prediction of employment status choice intentions". *Entrepreneurship Theory and Practice*, Volume 21, nº1, pp. 47-57.
- Krueger, N.F., Reilly, M.D. & Carsrud, A.L. (2000). "Competing models of entrepreneurial intentions". *Journal of Business Venturing*, Volume 15, nº 5/6, pp. 411-432.
- Kuratko, D. (2005). "The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges", *Entrepreneurship Theory and Practice*, Volume 29, nº 5, pp. 577-597.
- La Rey, P., Barbuto, J.R. & Barbuto, L. (2006). "Testing antecedents to sales performance in post apartheid era: a field study". *Psychological Reports*, Volume 99, nº2, pp. 603-618.
- Landstrom, H. (1999). "The Roots of Entrepreneurship Research". *Journal of Entrepreneurship*. Fall 1999. Volume 2, Iss. 2; pp. 9-12.
- Laukkanen, M. (2003). "Exploring academic entrepreneurship: drivers and tensions of university based business", *Journal of Small Business and Enterprise Development*. Volume 10, nº 4, pp. 372-382.
- Lei n.º 5/73, de 25 de Julho. Diário da República nº173/73 I Série. Presidência da República.
- Lena, L. & Wong, P.K. (2004). "Attitude towards entrepreneurship education and new venture creation". Disponível em: [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=856184](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=856184), acedido a 25/01/2013.
- Light, P. (2006). "Reshaping social entrepreneurship". Stanford Social Entrepreneurship. pp. 46-51.
- Liñán, F., Martín, D. & González, R. (2002). "Characteristics of nascent entrepreneurs in Germany". 42nd ERSa Conference, Dortmund (Germany), pp. 27-31.
- Malhotra, N.K. (2004). "Pesquisa de Marketing – Uma orientação aplicada". 3ª Edição, Bookman.
- Malhotra, Naresh K. (2008). "Pesquisa em marketing: uma orientação aplicada". Tradução de Marketing research: an applied orientation. 5 Edição. Porto Alegre: Bookman.
- Marcén, M.R., Aranaz, M.D. & Velásquez, J. (1999). "La iniciativa now en aragón: autoempleo y nuevas tecnologías de la información". *Economía y Dirección de Empresas*. Volume 28, pp. 108-122.
- Mayer, E.L. (2010). "El Fomento de la Creación de Empresas desde la Universidad Mexicana. El Caso de la Universidad Autónoma en Tamaulipas". Doctoral Thesis, Universitat Autònoma de Barcelona.
- McClelland, D.C. (1961). "The achieving society", Princeton, N. J., Van Nostrand.
- Moreira, J. & Silva M.J. (2008). "Empreendedorismo tecnológico: métodos e técnicas de ensino". *Management Review*, pp. 627-637.
- Morris, M.H., Kuratko, D.F. & Schindehutte, M. (2001). "Towards Integration: Understanding Entrepreneurship through Frameworks". *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, Volume 2, nº1, pp. 35-49.
- Muller, P. (2006). "Entrepreneurship in the Region: Breeding ground for nascent entrepreneurs?". *Small Business Economics*, Volume 27, nº1, pp. 41-58.

- Pines, A., Lerner M. & Schwartz, D. (2010). "Gender differences in entrepreneurship. Equality, diversity and inclusion in times of global crisis. Equality, Diversity and Inclusion". *An International Journal*, Volume 29, nº2, pp. 186-198.
- Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (2005). *"Manual de Investigação em Ciências sociais. Trajectos"*. 4ª Edição. pp. 109-196.
- Reynolds, P. & Storey, D.J. (1994). "Cross-national comparisons of the variation in new firm formation rates". *Regional Studies*, Volume 28, pp. 443-456.
- Reynolds, P.D. (1997). "Who start new firms? Preliminary explorations of firms in gestation". *Small Business Economics*, Volume 9, nº 5, pp. 449-462.
- Reynolds, P.D., & White, S.B. (1997). *"The Entrepreneurial Process. Economic Growth, Men, Women and Minorities"*. Quorum Books.
- Reynolds, P.D., Carter, N.G., William, & Greene, P (2004a). "The Prevalence of Nascent Entrepreneurs in the United States: evidence from the Panel Study of Entrepreneurial Dynamics". *Small Business Economics*, Volume 23, pp. 263-284.
- Roberts, E.B. (1991). "Entrepreneurs in high technology: lessons from MIT and beyond". New York: Oxford University Press, 1991.
- Robinson, P.B., Stimpson, D.V., Huefner, J.C., & Hunt, H.K. (1991). "An attitude approach to the prediction of entrepreneurship". *Entrepreneurship Theory and Practice*, Volume 15, nº 4, pp. 13- 30.
- Robinson, P.B., Simpson, D.V., Huefner, J.C., & Hunt, K.H. (1991a). "An attitude approach to the prediction of entrepreneurship". *Entrepreneurship Theory and Practice*, Volume 15, nº 4, pp. 13-31.
- Robinson, P.B., Huefner, J.C., & Hunt, K.H. (1991b). "Entrepreneurial research on student subjects does not generalize to real world entrepreneurs", *Journal of Small Business Management*, Volume 29, nº 2, pp. 43-50.
- Roncon, P.F. & Munhoz, S. (2009). "Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor?". *Revista Brasileira de Enfermagem*, Volume 62, nº 5, pp. 695-700.
- Say, J.B. (1816). *"England and the English People"*. 2nd Edition, by John Richter, London: Sherwood, Neely et Jones. Translation of preceding title (1815).
- Sarkar, S. (2007). *"Empreendedorismo e Inovação"*. Lisboa: Escolar Editora.
- Schiller, D. (2006). "Nascent Innovation Systems in Developing Countries: university responses to regional needs in Thailand", *Industry and Innovation*, Volume 13, nº 4, pp. 481-504.
- Schmidt, S., & Bohnenberger, M.C. (2008). "A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: o caso da Feevale". *Revista Eletrônica de Administração*, Volume 14, nº1, pp. 1 - 26.
- Schmidt, C., & Dreher, M. (2008). "Cultura empreendedora: empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor". *Revista de Gestão*, Volume 15, nº 1, pp. 1-14.
- Schumpeter, J.A. (1942). *"Capitalism, Socialism, and Democracy"*. New York: Harper and Brothers. Harper Colophon edition, 1976.
- Schumpeter, J.A. (1934). *"The Theory of Economic Development"*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sedas, N.A. (1968). *"A população universitária portuguesa: uma análise preliminar"*. *Análise Social*, pp. 22-24, pp. 295-885.

- Shaver, K., Carter, N., G., William, & Reynolds, P. (2001). "Who is a Nascent Entrepreneur? Decision rules for identifying and selecting entrepreneurs in the panel study of entrepreneurial Dynamics (PSED)".
- Silva, A., Henriques, E., & Carvalho, A. (2009). "Creativity enhancement in a product development course through entrepreneurship learning and intellectual property awareness". *European Journal of Engineering Education*, Volume 34, nº 1, pp. 63-75.
- Simão, J.V., & Costa, A.A. (2000). "*O Ensino Politécnico em Portugal*". Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, Braga.
- Simões, Jorge (2006). "Gestão do Conhecimento em Instituições de Ensino Superior Público: Estudo das Escolas de Gestão e Economia", Dissertação de Mestrado em Contabilidade e Administração, Universidade do Minho, Braga.
- Solomon, G., & Winslow, E. (1988), "Towards a Descriptive Profile of the Entrepreneur", In *Journal of Creative Behaviour*. Volume 22, nº 3, pp.162-171.
- Skudiene, V., Auruskeviciene, V., & Pundziene, A. (2010). "Enhancing the Entrepreneurship Intentions of Undergraduate Business Students. Transformations in Business & Economics, Volume 7, nº 1, Supplement A, pp. 448-460.
- Storey D. J. (1994). "Understanding the small business sector". Routledge, Lo.
- Teixeira, A. (2008). "Entrepreneurial potential in engineering and business courses – why worry now?". *Journal of Engineering Education* , 256, pp. 1-22.
- Trigo, V. (2003). "*Entre o Estado e o Mercado, Empreendedorismo e Condição do Empresário na China*" Ad Litteram, Lisboa.
- Torgal, R.C. (1999). "Caminhos e Contradições da Universidade Portuguesa: Centralismo, Autonomia e Neo-Liberalismo". Comunicação apresentada na conferência: Da ideia de Universidade à Universidade de Lisboa, 30 de Novembro, Reitoria da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ussman, A. (1998). "University and entrepreneurship development", *International Conference, Academy of Business & Administrative Sciences*, Budapest, p. 12.
- Veciana, J.M. (2006). "Creación de Empresas y Desarrollo Económico como campo de pesquisa", In: 1ª Jornada Técnica Fundación CYD: Creación de empresas, desarrollo territorial y el papel de la Universidad, Colección Documentos CYD, nº 4, pp. 28-49.
- Veciana, J.M. (2008). "La Investigación en el Campo de la Creación de Empresas y PYMES: evolución, tendencias y problemas", Curso de Verano Internacional UEX 2008: Función Empresarial: Investigación y Aplicaciones, Universidad de Extremadura.
- Ventura, M. (2007). "O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa: Pedagogia Médica". *Revista SOCERJ*, Volume 20, nº5, pp. 383-386.
- Vyakarnam, S. (2005). "To inspire, inform and help implement. The role of entrepreneurship education", *Second AGSE International – Entrepreneurship Teaching Exchange*, Melbourne, p. 20.
- Wagner, J. (2004). "Nascent Entrepreneur", Discussion Paper Nº 1293 from IZA.
- Yin, R. (2005). "Estudo de caso: planeamento e métodos". (3ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zen, A.C. & Fracasso, E.M. (2008). "Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor". *Revista de Administração Mackenzie*, Volume 9, nº8, pp. 678-697.



## **ANEXOS**





## QUESTIONÁRIO

Exmo(a) Senhor(a),

Estou a realizar um estudo sobre a importância da disciplina de empreendedorismo para a criação de empresas. Com este estudo pretendo compreender de que forma a Escola Superior de Gestão de Tomar impulsiona a criação de empresas, motivo pelo qual o seu contributo é muito importante.

Este questionário destina-se a fins científicos e é confidencial. O sucesso deste estudo depende do seu empenho e colaboração no preenchimento do questionário, tarefa que lhe ocupará sensivelmente 15 minutos. Ficar-lhe-ei imensamente grato se me preencher este questionário. Qualquer questão, por favor não hesite em contactar-me:

**Rodrigo Moraes**

Tel.: 918168307

Email: [morais.pera@gmail.com](mailto:morais.pera@gmail.com)

### 1. Género

Masculino.... ☐ Feminino.... ☐

2. Indique, por favor, o seu ano de nascimento: \_\_\_\_\_

3. Alguns familiares próximos têm um negócio/empresa próprio(a)? Se não tiver não responda.

Sim..... ☐ Quem? \_\_\_\_\_

Não..... ☐

4. Indique o grau de formação académica que possui e respectiva área de formação.

Estudos primários/secundários... ☐ Estudos Técnico/Profissional..... ☐ Qual? \_\_\_\_\_

Licenciatura ..... ☐ Área de Formação: \_\_\_\_\_

Mestrado ..... ☐ Área de Formação: \_\_\_\_\_

Doutoramento..... ☐ Área de Formação: \_\_\_\_\_

Outro, Qual? \_\_\_\_\_ ☐ Área de Formação: \_\_\_\_\_

5. Indique o curso que frequenta actualmente ou qual o último curso que frequentou:

\_\_\_\_\_

6. A que Curso pertence/perteceu?

\_\_\_\_\_

7. Indique qual a sua experiência anterior relativamente aos seguintes aspectos:

7.1 Tem experiência anterior na criação de uma nova empresa?

Sim... ☐ Não... ☐

7.2 Tem experiência anterior no sector de actividade da iniciativa empresarial?

Sim... ☐ Não... ☐

7.3 Desempenhou anteriormente funções de direcção ou administração?

Sim...☐Não...☐

**8. Já tentou iniciar um novo negócio e manifestou intenção de ser proprietário de parte ou totalidade do mesmo, sendo que esta iniciativa não proporcionou remuneração de qualquer espécie para qualquer pessoa da equipa de promotores por mais de três meses.**

Sim... ☐ Não... ☐

**Se sim a quanto tempo?**

Nos últimos 12 meses ☐

De 12 a 24 meses ☐

Maisde24meses ☐

**9. Sector de actividade onde se insere a iniciativa empresarial**

Energia..... ☐ Indústria..... ☐ Serviços... ☐

Turismo... ☐ Comércio..... ☐ Transportes... ☐

Outro..... ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**10. Na sua opinião, qual a melhor forma para a sua escola fomentar actividades empreendedoras? Por favor, assinale com uma cruz o seu grau de concordância para cada uma das seguintes formas.**

	Concordo Totalmente	Concordo	Não Conc. Nem Disc.	Discordo	Discordo Totalmente
Conferências e seminários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Publicação de artigos de divulgação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Publicação de material pedagógico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Disciplinas integradas nos planos de licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cursos de empreendedorismo (Propostas de ideias de negócios, elaboração de planos de negócio, entre outros)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Concursos (ideias de negócios, planos de negócio, entre outros)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Parcerias com entidades do mundo empresarial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**11.Qual das seguintes modalidades de formação lhe parece mais atractiva para o futuro da sua escola, visando o desenvolvimento da ideia, o plano de negócio e a decisão final? Assinale apenas uma.**

Cursos de mestrado .....☐

Cursos de curta duração (60 horas) ..... ☐  
Cursos de Pós-graduação e Cursos de Especialização ..... ☐

**12. Qual das seguintes modalidades de formação lhe parece mais atractiva para o futuro da sua escola, visando apoiar a criação de empresas? Selecciona por ordem (1, 2, 3, sendo 1 a mais atractiva e 3 a menos atractiva)**

Cursos de muito curta duração (até 24 horas) visando a elaboração de conceito de negócio e propostas de ideias de negócio..... ☐  
Cursos de curta duração (entre 25 e 75 horas) visando a elaboração de planos de negócio..... ☐  
Cursos de média duração (superior a 75 horas) visando a elaboração de planos de negócio e formulação de candidaturas a sistemas de incentivos e apoios à criação de empresas..... ☐

**13. Qual dos seguintes locais de formação escolheria para realizar a formação específica, visando apoiar a criação de empresas? Assinale apenas uma.**

Na zona da sua escola..... ☐  
Na zona da sua residência..... ☐  
Noutro local, Qual? ..... ☐

**14. Estaria disposto a pagar uma formação específica, ou se deveria ser dada gratuitamente na formação escolar?**

	Sim	Não
Pagaria uma formação específica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gratuitamente na formação escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**15. Vêm interesse neste tipo de formação antes do ensino superior? E em que altura? Assinale apenas uma.**

Ensino Básico..... ☐  
Ensino Secundário ( 5º ao 9º ano)..... ☐  
Ensino Secundário ( 10º ao 12º ano)..... ☐

**Termina aqui o seu questionário. Muito obrigado pela sua colaboração. Caso esteja interessado em receber informação sobre os resultados deste estudo, indique-me o seu nome e email. Oportunamente, enviaremos essa informação.**

Nome: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

